Boletim da Comissão Catarinense de Folclore

1
D
.64
8

Pede-se permuta
Pidesse canje
We ask exchange
Si richiede lo scambio
On démande l'échange
Man bitet um Austausch
Oni petas intersangon

Comissão Catarinense de Folclore
Presidente:
Doralécio Soares

Comissão da Revista:
A. Seixas Netto, Victor A. Peluso Jr., Jaldir B. Faustino da Silva, Nereu do Vale Pereira, Roberto Kel, Iaponan S. Arauji e Theobaldo Costa Jamundá.

ENDEREÇO: Rua Julio Moura, 28 — 1º andar
88000 Florianópolis, S. C.

Edição patrocinada pela Fundação Nacional de Arte/Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (DAC-MEC)

Companhia de Turismo e mpreendimentos de Santa Catarina
citur
Reg 00130
03/05/84

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

ANO XVI
Agosto de 1978
Editorial

Número 30/31

ÍNDICE

Oswaldo Rodrigues Cabral	Vitor Peluso Junior	7
	Nereu Corrêa	
	Silvio Coelho dos Santos	
	Luiz Carlos Halfpap	9

Colaboração de Gente de Casa:

Rendas e Rendeiras	Doralécio Soares	19
Folclore na Filatelia	Ayres Gevaerd	39
Pequena Suite do Boi-de-Mamão	C. A. Angioletti Vieira	49
Umbanda-Folclore ou Religião	A. Seixas Netto	51
Festa do Divino	Walter Zumblick	53
Adivinhações no Município de Florianópolis	Tereza Motta, Edite Barreto, Walmor e Mafalda Boeing	55
Grupo Folclórico "Alpino Germânico"	Redação	61
Quadrinhas Recolhidas no Interior da Ilha	Redação	62
Crendices-Orações-Rezas e Benzeduras	Redação	65
Roteiro para Execução de um Calendário Cultural	Theobaldo Costa Jamundá	67
Literatura de Cordel	Doralécio Soares	73

398.64
B680
SC

Colaboração de Gente de Fora:

Verbetes Amazonenses Não Dicionarizados	Mario Ypiranga Monteiro	77
Noticiário Daqui Dali e de Acolá		
III EMOBRESC — Encontro Estadual do MOBRAL Cultural	Redação	81
Curso de Folclore em Florianópolis	Redação	87
Panorama da Arte Catarinense	Redação	91
Diretoria de Turismo da Prefeitura de Florianópolis e o Folclore	Redação	93
III Festival Catarinense de Folclore	Redação	95
V Festa Brasileira de Folclore	Redação	98
Curso de Folclore de Recife	Maria do Carmo Pinto	100
FUNARTE Perpetua o Folclore em Disco	Redação	101
V Festa Brasileira de Folclore	Conclusão	101
Santa Catarina no Projeto Cultura do Rio Grande do Sul	Redação	102

BIBLIOTECA DA SANTUR
Tipo de aquisição Doação
Adquirido de SANTUR
Data de Aquisição __/__/__
Registro 0095
Data Registro 28/05/96

NOTA

Eis mais uma edição do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore. A última, editamos em dezembro de 1975. Estamos voltando agora, após dois anos e meio de ausência.

À proporção que o tempo passa, as dificuldades aumentam em todos os sentidos. Dificuldades essas, não apenas de ordem financeira, quase sempre superada graças ao patrocínio da Fundação Nacional da Arte (DAC-MEC), através da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

Outro fato que nos coloca em maiores dificuldades, ainda é a falta de interesse de muitos, que, muito embora integrem a nossa Comissão, pouco produzem dentro da área do folclore. Quase sempre são os velhos companheiros que ainda se mantêm atuantes, pesquisando o porquê das manifestações da nossa cultura popular.

A nossa esperança repousa entretanto, no trabalho empreendido pela FUNARTE, levando a efeito a pesquisa em convênio com o Projeto Rondon, objetivando a conclusão do mapa folclórico brasileiro, já iniciada em alguns Estados.

Esperamos que da sua conclusão, surja novos folcloristas dispostos a realizarem dentro da área pesquisada, estudos de profundidade.

NOVA SEDE

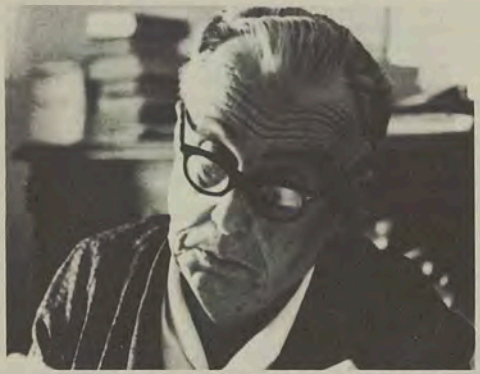
Finalmente a Comissão Catarinense de Folclore, se instala com sua biblioteca e mini-museu, em dependências mais condizentes com as suas necessidades e atendimento público. Cedidas pela Cia. de Turismo e Empreendimento de Santa Catarina — CITUR —, ocupamos provisoriamente duas salas no prédio onde funcionava o ex-DEATUR, na Alameda Adolfo Konder, bem próximo à saída da Ponte Hercílio Luz.

A nossa pretensão de nos instalarmos condignamente na Casa da Cultura, desvaneceu-se. Ali foi instalado o Palácio dos Despachos do Governo do Estado, até que se conclua as obras de reparo do Palácio da Praça XV de Novembro.

Sendo a Comissão Catarinense de Folclore, uma entidade integrada à FUNARTE, como órgão atuante no Estado, nada mais justo do que instalar-se numa casa, que para sua construção, recebeu recursos do MEC. Em razão disto e mais ainda por ter sido ocupante da Casa de Santa Catarina, é que o seu direito se fundamenta como absoluto.

Doralécio Soares
Florianópolis, julho de 1978

OSWALDO RODRIGUES CABRAL



Este Boletim, cumpre o doloroso dever de registrar o falecimento do mestre Oswaldo Rodrigues Cabral.

Dizer quem foi Oswaldo Cabral é tarefa fácil, deixemos entretanto que falem aqueles que mais privaram do seu convívio.

Oração do Prof. Vitor Peluso Junior, ante a tumba do Mestre.

Santa Catarina perde seu grande historiador. Nossa sociedade deve a Oswaldo Rodrigues Cabral o conhecimento de sua história, contada com o amor e o carinho que sempre demonstrou pelas coisas da nossa terra. A energia que dispunha para o trabalho, a serviço do talento que o distinguia, acumulou-nos de numerosas obras que nos enche de orgulho, obras que enriquecem o patrimônio do povo catarinense.

O maior volume de sua produção foi no campo da história, mas foi igualmente brilhante na antropologia e em diversos outros campos de atividades.

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina deve a Oswaldo Rodrigues Cabral o período mais brilhante de sua existência. Companheiro de Henrique Fontes e de Carlos da Costa Pereira, foi trabalhador incansável na elevação da sociedade em que encontrava o calor da amizade e da admiração dos estudiosos da história. Esta amizade e esta admiração jamais faltaram a Oswaldo Rodrigues Cabral nas outras áreas em que atuou. É de se ressaltar o seu papel no ressurgimento dos estudos do folclore catarinense. Foi o mestre e o incentivador daquela geração que

reencontrou a beleza e a riqueza das tradições catarinenses. Ensinou, entusiasmou, e deste seu trabalho resultou copiosa produção que valoriza o Boletim Catarinense de Folclore e deu projeção à Comissão Catarinense de Folclore.

A Universidade Federal de Santa Catarina deve-lhe a seriedade com que seus discípulos se dedicam à Antropologia. Foi professor que enriquecia seus discípulos pela sua sabedoria, a qual não faltavam o fino espírito e a elegância do artista.

Médico humanitário e dedicado, Oswaldo Rodrigues Cabral, no exercício da sua profissão, conquistou a amizade e a gratidão desta cidade.

Como historiador e como antropólogo, Oswaldo Rodrigues Cabral foi cientista do mais elevado grau. O leitor de suas obras e seus antigos alunos aprenderam com ele que a honestidade na ciência não torna árido ao cientista. Em Oswaldo Rodrigues Cabral fundiam-se o historiador e o antropólogo com o homem apaixonado. Aos personagens que desfilam na história catarinense não poupou sua crítica, ora contundente, ora espirituosa, ora entusiástica; os fatos antropológicos não eram por ele friamente analisados, mas tratados com amor, sentindo a tragédia ou a glória do grupo social que sofria ou que se erguia.

Quem privou com Oswaldo Rodrigues Cabral respeitou e admirou o cientista e o escritor, mas também apreciou o calor humano que dele emanava.

O Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, enlutado pela morte de seu inesquecível companheiro, presta, neste ato, sua homenagem ao grande historiador.

A Academia Brasileira de História, onde Oswaldo Rodrigues Cabral se distinguia entre os maiores historiadores brasileiros, sofre a perda do acadêmico que brilhava entre seus pares, e rende sua homenagem ao seu insigne sócio.

A Academia Catarinense de Letras, que contava Oswaldo Rodrigues Cabral entre seus membros mais ilustres, exalta o grande escritor que a honrava.

A Universidade Federal de Santa Catarina junta-se às instituições que neste ato prestam sua homenagem póstuma a Oswaldo Rodrigues Cabral, sentindo a falta de seu professor emérito, compartilhando, com seus antigos alunos que lembram, saudosos, as sábias lições do velho mestre, a dor de seu desaparecimento.

Os Companheiros da Comissão Catarinense de Folclore, tributam a sua homenagem a Oswaldo Rodrigues Cabral, pela sua relevante atuação quando à frente dessa Comissão. O registro bibliográfico de suas obras testemunham quão atuante foi a sua presença nas pesquisas das manifestações da cultura popular catarinense.

OSWALDO CABRAL

A Oswaldo Rodrigues Cabral o adeus dos que acompanharam o seu trabalho, admiram suas obras, e prestarão culto à sua memória que enobrece a gente catarinense.

Oswaldo Cabral

Com a morte de Oswaldo Rodrigues Cabral perdem as letras históricas de Santa Catarina a sua maior figura. A obra que ele deixou não é apenas um atestado da sua extraordinária operosidade (cerca de 80 títulos), mas também um modelo de franqueza e de probidade intelectual. Era essa, talvez, a sua maior virtude. Se acaso descobria a lenda atrás do fato, denunciava-a com a franqueza que lhe era peculiar, doesse a quem doesse, ainda que a sua descoberta viesse de encontro com tradições longamente arraigadas. Não admitia a imaginação camuflada sob as vestes da história. Para citar um exemplo, lembro a alcunha **barriga-verde**, aceita por vários historiadores e adotada pelo povo catarinense como um título de glória. A sua origem estaria ligada a um imaginário colete verde usado por soldados desterrenses que lutaram na Guerra do Paraguai. Nas ingentes pesquisas que andou realizando nos arquivos do Estado e da Torre do Tombo, em Portugal, de onde mandou vir **slides** de todos os uniformes usados pelas milícias catarinenses e corpos de voluntários durante o Império, Cabral não encontrou nenhum documento que abonasse o pitoresco apelido. Embora sabendo que ia ferir uma tradição, não hesitou em denunciar a sua improcedência, taxando-o de invenção de historiadores mais amigos da imaginação do que da verdade.

Alexandre Herculano não escapou às iras do povo português e particularmente do Clero, quando afirmou que a Cruz de Cristo que apareceu na batalha de Ourique não passava de uma lenda. O povo ama as suas tradições e não quer saber se elas assentam ou não sobre base documental. Aqui o mundo não desabou sobre a cabeça do mestre da nossa história por causa da sua descoberta. De que me lembro, houve apenas uma polémica com um dos nossos jornalistas, que afinal não trouxe nenhum documento, nenhuma prova que corroborasse a tradição. O que vimos nessa contenda entre os dois articulistas foi um verdadeiro massacre do jornalista pelo historiador. E aqui reponta um outro aspecto da sua personalidade: o do polemista contundente. De temperamento impulsivo, por vezes impertinentemente agressivo, Oswaldo Cabral não conhecia meios termos nem costumava usar de panos quentes. Os eufemismos e as reticências não faziam parte do seu estilo. Pessoalmente era o oposto dos tipos gelatinosos, infensos

às atitudes dúbias ou às maleabilidades acomodatícias. Não tinha nada daquele caniço pensante de que nos fala Pascal. Quando Darci Ribeiro, então Reitor da Universidade de Brasília, tirou três professores da Faculdade de Filosofia de Santa Catarina para lecionarem no Planalto, Cabral, que nessa época se encontrava na direção da Faculdade, passou-lhe um telegrama malcriado, terminando com esta pergunta: "Porque não leva os alunos também, já que me furta os professores?"

Nas suas diatribes políticas ou literárias manejava melhor o tacape do que o florete. Mas nunca lhe faltava o dito irônico, a frase espirituosa, a tirada quevediana. Era um erudito que não desprezava uma boa pilhéria nem deixava de temperar os seus escritos com os ingredientes do humor. Se na sua **História de Santa Catarina** vamos encontrar a história dos que fizeram história, rigorosamente estruturada no modelo clássico da ordenação cronológica dos fatos, em **Nossa Senhora do Desterro** depara-se-nos a história de uma humanidade esquecida, dir-se-ia o outro lado da história, a crônica da gente anônima "que se acotovela na banca do peixe, que discute nas barraquinhas, que se recolhe na **Caridade dos Pobres** e que morre de peste, de cólera, de bexiga ou de febre amarela". Livro a que não falta, em cada página, a nota pitoresca, o comentário ora amável ora irreverente sobre a vida na antiga capital da Província de Santa Catarina. Como **Chuva de Pedra**, seu último livro (misto de ensaio e de ficção) o traço predominante é o picaresco. A velha frase **le style c'est l'homme même** aplicava-se-lhe como uma luva. Nos seus gestos, nas suas atitudes, falando ou escrevendo, era sempre e invariavelmente o mesmo. Um homem coerente com o seu núcleo íntimo, fiel às suas raízes.

Na última terça-feira (dia 14), à tarde, conversamos longamente no seu gabinete de trabalho. Queixou-se de falta de ar. De uns tempos para cá não escondia uma certa amargura. Era o isolamento. O cerco acabrunhante da solidão. E um certo tédio da vida. Mais de uma vez me disse que já se sentia cansado de viver. Mas no fundo amava a vida. Amava-a por todos esses liames afetivos que o prendiam a ela: a esposa — fiel companheira de tantos anos —, o neto, a filha adotiva Professora Sara Regina, e os amigos.

Naquela tarde combinamos um almoço para sábado, em companhia do Prof. Norberto Ungarett. Morreu na sexta. O que torna a vida trágica — disse Franklin de Oliveira a propósito da morte de Carpeaux — é nunca sabermos quando estamos falando pela última vez com as pessoas que amamos.

Santa Catarina não o esquecerá.

Nereu Corrêa

OSWALDO CABRAL

IN MEMORIAN

Sílvio Coelho dos Santos, professor e coordenador do curso de pós-graduação em Ciências Sociais da UFSC

Sexta-feira, 17 de fevereiro, vítima de enfarte, faleceu o professor Oswaldo Rodrigues Cabral, nesta cidade de Florianópolis. Contava o mestre 74 anos, nascido que foi em Laguna, em 12 de outubro de 1903, e encontrava-se em pleno exercício de suas atividades intelectuais.

Formado em medicina, na ex-Universidade do Brasil, em 1929. Oswaldo Rodrigues Cabral radicou-se inicialmente em Joinville (SC). Nessa cidade escreveu sua primeira obra de importância. "Santa Catarina — História e Evolução", publicada em 1937 pela Cia. Editora Nacional, na célebre e marcante coleção Brasiliana.

No ano anterior, 1936, em decorrência de convite para dirigir a Assistência Médica Municipal, Cabral havia transferido seu domicílio para Florianópolis. Logo integrou-se no pequeno grupo de intelectuais que então se reunia na Biblioteca Pública, sob a coordenação de seu dedicado Diretor, **Carlos da Costa Pereira**, para discutir assuntos históricos, políticos e aqueles relacionados com a dramática conjuntura européia.

...amadureceu pelo trabalho pertinaz...

Foi estimulado pelas discussões havidas nesse grupo, do qual participava vez ou outra o então Interventor Nereu Ramos, e considerando a aceitação pela crítica de seu livro "Santa Catarina", que Oswaldo Rodrigues Cabral iniciou um trabalho paciente de pesquisa nos arquivos existentes nas diversas repartições da cidade e nas coleções de jornais, localizados na Biblioteca Pública. Ajudado por sua esposa, Sra. Olívia Ramalho Cabral, os dados coletados pouco a pouco foram originando um enorme e bem organizado arquivo sobre a história e a evolução sócio-econômico e cultural de Santa Catarina. Este paciente trabalho, feito numa época em que a cidade de Florianópolis não tinha mais que 30.000 habitantes, representa e ilustra bem a capacidade de trabalho e a visão científica de Cabral. Por ele, compreende-se que o historiador não surgiu como por encanto. Ao contrário, foi fruto que amadureceu pelo trabalho pertinaz, contínuo e decidido.

É exatamente quanto a esta capacidade de trabalho e de perseverança na busca continuada e exaustiva dos fatos que pudessem elucidar o passado, que sua figura deve ser lembrada. Neste sentido, creio que todos que com ele conviveram, perceberam essa tenacidade e muitos por ela foram contaminados.

Cabral, auto-didata em História e Antropologia, realizou uma obra científica nessas duas áreas do conhecimento humano que em nada ficou a dever ao que à época de melhor se produzia no resto do País. Para tanto, por sua conta e risco, criou uma sistemática de trabalho e se auto-impôs um rigor metodológico que só encontra paralelos nos trabalhos que hoje se produzem nos melhores centros universitários.

Sua obra demonstra o seu prestígio

Foi decorrente da seriedade que dedicou ao trabalho intelectual, especialmente à cautela com que tratava e apresentava os dados sócio-culturais e históricos, que adquiriu respeito nacional. Cabral foi membro de quase trinta instituições científicas nacionais e internacionais. Integrou os quadros da Sociedade Brasileira de Sociologia, da Associação Brasileira de Antropologia, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Comissão Nacional de Folclore, da Academia de História de São Paulo, para referir algumas dessas instituições. Efetivamente, o Mestre Oswaldo Rodrigues Cabral foi o intelectual que melhor projetou Santa Catarina, nesses últimos 40 anos. A sua obra, constante de mais de cinqüenta livros, além de dezenas de artigos, demonstra cabalmente seu prestígio e sua capacidade de trabalho. Nesse sentido, ORC, nesta época em que tanto necessitamos de exemplos efetivamente válidos, para orientar as novas gerações, deve ser valorizado e reconhecido. Lamentavelmente, em que pese algum apoio recebido de áreas governamentais, a obra de Cabral é pouco conhecida, especialmente em Santa Catarina. Quem, por exemplo, nas regiões dos campos de Lages e Vale do Rio do Peixe, já leu **João Maria**, interpretação da Campanha do Contestado, livro também albergado pela coleção Brasiliana? Quem conhece "Casas, Sobrados e Chácaras? Quem já leu "Os Açorianos"? Quais as escolas que dispõem em suas bibliotecas de um (um apenas!) exemplar da História de Santa Catarina, em uma das suas diversas versões?

Sim, reconhece-se em círculos restritos que Oswaldo Cabral produziu excelente obra intelectual. Mas, isto não basta. É preciso que esta obra chegue a todo povo e assim contribua para a formação da gente catarinense. Isto porque ORC além de intelectual, foi um mestre. Mestre que marcou seus alunos e os campos científicos que abraçou. Por isso mesmo, merece que sua obra esteja em toda escola, toda biblioteca, toda livraria. Para assim continuar presente.

...nunca admitiu trabalho fácil

Mas não só. No âmbito da universidade a vida intelectual e científica de Oswaldo Rodrigues Cabral precisa ser permanentemente lembrado. O padrão de trabalho que ele criou deve servir

de modelo para as novas gerações. Cabral nunca admitiu trabalho fácil, a apropriação de idéias ou de textos — tão cômodos, quanto perigosos para aniquilar qualquer esforço sério. Por isso, a Universidade Federal de Santa Catarina, que lhe atribuiu ainda em vida o título de "Professor Emérito" deveria tornar o Mestre presente em seu dia a dia no Campus Universitário, fazendo denominar o Museu de Antropologia, que vive uma fase de transformação, em Museu Universitário Oswaldo Rodrigues Cabral.

Em assim fazendo, a universidade que ele ajudou a construir, estará valorizando, mais uma vez, o trabalho perseverante e sério de quem soube ser um de seus mais brilhantes professores. Estará também tornando Oswaldo Rodrigues Cabral em ser presente no seu cotidiano, integrando-o de modo permanente e definitivo.

O LEGADO

Luiz Carlos Halfpap
Professor de Antropologia da UFSC

Em meio a uma viagem de regresso a Florianópolis, sou surpreendido pela notícia da morte do Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral. Custava a acreditar. Li rapidamente o amplo noticiário que o jornal O ESTADO dedicava ao acontecimento e as evidências passaram então a adquirir contornos bem mais definidos. Fui obrigado a aceitar o inevitável. Sem poder prestar as últimas homenagens, só me restou visitar Dona Olívia e transmitir-lhe os meus sentimentos.

Outras coisas, contudo, aconteceram. Como ex-aluno e colaborador do Prof. Cabral, revivi meus tempos de estudante, suas aulas de Antropologia, sua atuação como cientista e como intelectual.

Idéias de maneira clara e sistemática

Era, fora de dúvida, um excelente professor. Sabia transmitir as suas idéias de maneira clara e sistemática e todas as suas aulas eram sempre agradáveis e interessantes. Não porque às vezes pontilhava as suas idéias com traços de ironia ou humor, mas principalmente porque possuía uma extraordinária erudição. Os temas centrais de sua análise eram sempre fundamentados em numeros exemplos, retirados das mais diversas áreas do conhecimento. Mesmo naqueles momentos em que tínhamos dificuldades em acompanhar o seu discurso, era impossivel ficar indiferente à sua presença. Talvez por isso não consigo me recordar haver o Prof. Cabral reclamado de disciplina em nossa sala de aula. Dessa maneira, era aquele mestre o centro polarizador do curso que

faziamos e alvo principal de nossa atenção, embora tivéssemos também outros bons professores. Mas estudávamos e líamos muito naquela época. Posso dizer que éramos bons alunos, esforçados e atentos. Naqueles anos de 1964-66, os tempos eram outros. Havia clima de maior liberdade e os seminários e debates, orientados ou não pelos nossos professores adquiriam intensidade maior. Também se tornavam muito fecundos em termos de aprendizado intelectual.

Ao lado dessas reflexões, contudo, lentamente cristalizou-se dentro de mim a certeza de que o professor Cabral ainda nos poderia proporcionar mais uma lição valiosa, não agora circunscrita ao campo da Antropologia ou da História, mas bem mais ampla. Eu me refiro à sua própria praxis intelectual.

Parece-me desnecessário aqui, comentar a imensa produção literária de Oswaldo Rodrigues Cabral. Obra que escreveu, às vezes, em circunstâncias difíces num Estado de pouca tradição cultural. As evidências falam por si mesmas. Foi o maior historiador catarinense e algumas de suas obras obtiveram repercussão internacional como é o caso de "João Maria — Interpretação da Campanha do Contestado". Membro fundador da Universidade e da Faculdade Catarinense de Filosofia, foi ele também o criador da cadeira de Antropologia que lecionou sistematicamente até o seu afastamento da UFSC, em 1970. Na ocasião, entre outras coisas, seu desligamento foi conseqüência da Reforma Universitária, que destruiu pela base a autonomia do Instituto de Antropologia.

Uma postura rigorosa para a pesquisa

Na sua longa carreira intelectual defendeu com intransigência uma postura rigorosa para a pesquisa científica. Considerava necessário fundamentar bem as teses propostas para a análise, através de pesquisas bem conduzidas. Essa postura metodológica pode ser observada em todas as obras que escreveu. Sempre fartamente documentadas, possibilitavam um ordenamento rigoroso das idéias que queria transmitir. Detestava trabalhos de má qualidade e a mediocridade cultural. Sempre encontrava termos para se referir a esses tipos de indivíduos: charlatões, chatos, etc.

Mas tinha consiência também que o trabalho intelectual só pode se realizar sob determinadas condições. E aqui tocamos num ponto importante e que reflete uma das preocupações básicas da praxis científica e suas possibilidades de ser levada adiante. Refiro-me ao nível de liberdade mínima que permita a reprodução e ampliação do trabalho intelectual em todas as esferas do conhecimento humano face a dominação burocrática. Ela impede— e este é um de seus objetivos principais — a emergência da consci-

ência crítica, dado fundamental de todo e qualquer projeto científico.

Oswaldo Rodrigues Cabral tinha a esse respeito uma clara consciência, que se revela nos motivos que o levaram a criar o Instituto de Antropologia, em 1968, depois transformado em Museu, por força da Reforma Universitária, instituída na UFSC a partir de 1970. A idéia de criação do Instituto diz ele "foi para salvar a autonomia que queria manter como cientista. Verdadeiramente criou-se um Instituto e não um Museu. Instituto para estudo da Antropologia em todas as suas modalidades: Física, Cultural, Social. Museu restringe um pouco ... Eu queria fazer uma instituição científica" (x). A lição de Cabral se revela agora por inteiro e pressupõe uma preocupação fundamental que de uma maneira ou de outra diz respeito a todo o intelectual. A salvaguarda de condições mínimas para que se possa desenvolver adequadamente a consciência criativa e fecunda da elaboração científica.

No Museu de Antropologia o grupo de pesquisadores que lá atuava, tinha, de uma maneira ou de outra, condições adequadas para o labor intelectual. Agora que não pertencemos mais àquela instituição é possível fazer esta constatação. Não estávamos tão diretamente atrelados à fechada e repressiva burocracia universitária e isso evidentemente nos trazia algumas vantagens, visto que a Reforma Universitária centralizou de forma radical os poderes de decisão.

Não existem de forma satisfatória...

De outro lado, o Museu de Antropologia possuía também uma estrutura física que permitia o melhor encaminhamento de nossas atividades. Havia laboratórios, uma biblioteca, salas espaçosas. Essas condições, com algumas exceções, não existem de forma satisfatória nos diversos departamentos da UFSC, o que dificulta, sem dúvida, o bom trabalho que muitos professores têm agora de desenvolver.

Em todo o caso, algumas das idéias do Prof. Cabral se concretizaram nos nove anos de existência do Museu. Havia realmente naquela Instituição bastante movimento e se trabalhava para valer. Os projetos de pesquisa eram elaborados livremente pelos professores porque não havia ainda temas de pesquisa prioritários sugeridos pela burocracia. As exposições eram mantidas em pleno funcionamento e às vezes montadas em outros locais da Universidade quando havia alguma data especial a ser comemorada. Tínhamos também devidamente estruturado um estágio de um ano letivo para alunos que desejassem se aprofundar nos estudos de Antropologia.

Não pudemos evitar o pior, e isso pesa...

Muitos estagiários passaram pelo Museu, inclusive de outros Estados, e um bom número deles foi adiante, ao serem aprovados em concursos muito disputados para mestrado na USP, no Museu Nacional ou em Brasília. Atendíamos muitos visitantes. Embaixadores, altos funcionários federais, professores nacionais e estrangeiros em visita à UFSC, excursões e numerosas turmas de alunos dos colégios da capital. Promoveu-se, através do Museu, com o apoio da Reitoria, duas importantes reuniões: a I Reunião dos Professores de Antropologia do Sul do Brasil, em 1972 e a IX Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, em 1974. Editávamos ainda uma revista anual criada pelo Prof. Cabral "Anais do Museu de Antropologia", onde se publicava artigos dos professores do Museu, de eventuais colaboradores, resenhas, noticiário, etc.

Trabalhava-se muito mas havia compensações. Sentíamos ser úteis a alguma coisa. O Museu de Antropologia já era conhecido internacionalmente e além disso a Universidade cumpria um de seus objetivos básicos: servir a comunidade a que se vincula, através da criação de seus bens culturais.

Tudo isso passou. Por meio de um processo de desagregação lento, mas persistente, que se iniciou já há algum tempo, o Museu de Antropologia está se extinguindo para dar lugar a um obscuro e indefinido Museu Universitário, regido por um corpo burocrático. Não pudemos evitar o pior e isto pesa bastante. Fica, contudo, o legado liberal de Oswaldo Rodrigues Cabral. Por certo que ele não desaparecerá na própria medida em que é impossível destruir a praxis intelectual humana que se manifesta sempre e em todas as partes. A História a respeito disso fornece muitos exemplos.

(x) Ver um pequeno trabalho que elaborei "A Vida e Obra de Oswaldo Rodrigues Cabral", publicado nos Anais do Museu de Antropologia, nº 6, 1973. Os dados coligidos para aquele artigo foram produto de duas entrevistas gravadas, feitas por mim e pela Profª Neusa Maria Bloemer. O artigo é complementada pelo seu extenso curriculum vitae.

COLABORAÇÕES
DE
GENTE DE CASA

RENDAS E RENDEIRAS DA ILHA DE SANTA CATARINA

Doralécio Soares

O quadro pitoresco do interior ilhéu é marcado pela existência de inúmeras rendeiras no seu labor diário, à frente das suas almofadas, manejando os bilros, presos com suas linhas aos alfinetes espetados nos furos dos piques, responsáveis pelo tradicional modelo da renda produzida.

A renda de bilros ou de almofada da Ilha de Santa Catarina é um dos artesanatos brasileiros que mais se desenvolveu nas regiões habitadas por pescadores. Sendo também executada em diversos municípios do interior e zonas litorâneas de alguns estados do norte e nordeste.

A ORIGEM — As rendeiras da Ilha de Santa Catarina, na sua maioria, descendem de portugueses da Ilha dos Açores; herdaram dos seus antepassados a arte de executar rendas, e ainda, na época atual, a transmitem às gerações que surgem. Na Ilha de Santa Catarina, onde se situa Florianópolis, nos seus recantos e em toda a sua zona litorânea ainda se trabalha a Renda de Almofada como um dos principais ramos do artesanato que tem significativa importância na economia doméstica e mesmo social da população.

Famílias inteiras do interior ilhéu têm a sua base econômica no que produzem no seu labor diário, tratando a feitura dos mais variados tipos de Rendas de Almofada. Na transmissão do aprendizado, as mães iniciam bem cedo as filhas e é comum se ver crianças de quatro anos de idade à frente das almofadas, manejarem os bilros com rara facilidade. Crianças já na tenra idade se iniciam assim neste mister, que se vem transmitindo de mães a filhas desde o tempo do Império.

A maior variedade de peças se encontram nas rendas de arco e margaridas com bico de concha em forma de toalhas e colchas, quadradas, retangulares, redondas, ovais, trilhos, etc., ocorrendo o mesmo com as rendas céu estrelado, miudeira, rosinhas, favos, pontas, pontilhas, entremeios, barra para lençóis e toalhas.

A Renda Miudeira ou Maria Morena, tipo Ceará, trabalhada em quadros se constitui em peças de rara beleza, em formatos de colchas, toalhas, trilhos e jogos os mais variados.

Renda Céu Estrelado — É uma peça única, com bico de pato em ponto torcido e paninho com estrelinhas de perna cheia. O centro é um quadro com ourela em ponto torcido, retângulos de meio ponto e campo de perna cheia.

Renda Bicuda — A renda Bicuda é uma roda de bico de pato, com centro em ponto trança, ponto torcido e ponto puxado, ten-

Rendas: Bicuda, Orelha de Mula, Peixinho, Entremeios da Cinturada e Céu Estrelado.

Detalhes da Renda Pavão e Sapa com Boca de Sino.

do no pequeno centro uma rosinha de perna cheia. Esse tipo de renda geralmente é feito em jogos com peças de tamanhos diversos. A peça maior tem aproximadamente 30 cm. (Jogo de 5 peças).

Rendas Margaridas — As Rendas Margaridas com bico de leque, bico de concha, são as mais variadas entre todas as rendas da Ilha. Os seus modelos são os mais diversos, entre esses estão as blusas e saias, de grande aceitação, principalmente pelos turistas que visitam a capital catarinense.

Renda Tramóia ou Sete Pares — A Renda Tramóia é a única renda que é tecida com sete pares de bilros, daí o nome de Renda de Sete Pares. A execução dessa renda é procedida da seguinte maneira: três pares de bilros trançam a linha torcida, fazendo os "passados", os pontos "pregados" e "repuxo". O "passado" é quando dois pares de bilros passam à linha torcida para fazer os pontos. O ponto "pregado" é quando dois pares de bilros se encontram, torcida a linha e prega-se no alfinete. O ponto "repuxo" é quando as linhas dos três pares são pregadas no mesmo alfinete. Isto é a maneira de se fazer a trama nesse tipo de renda. Nessa mesma operação, a rendeira com os outros quatro pares em linha libra (linha brilhante), vai tecendo o pano entre a trama que forma o desenho, conforme o modelo do pique.

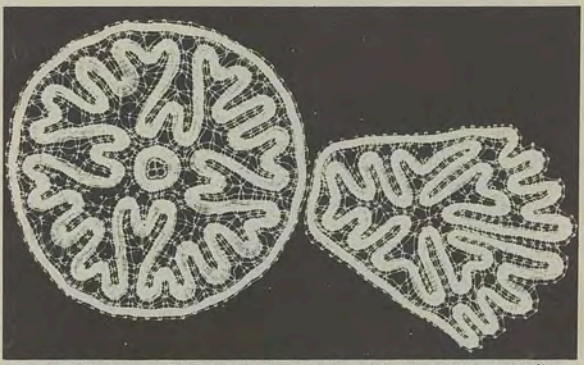
A renda tramóia é executada em peças únicas, ou em peças separadas para depois montar-se. São toalhas pequenas de um quadro com barra, trilhos de dois, três ou mais quadros. Toalhas grandes, médias ou redondas, que são montadas de acordo com a dimensão do modelo (pique), sendo que a barra, ou seja, a pontilha, é executada em peça única, feita conforme o tamanho da peça que se desejar. Os modelos são diversos, em toalhas para banquetes, colchas, toalhas quadradas, retangulares, redondas, ovais, trilhos e jogos de toalhinhas os mais diversos. As estrelas com pontas de tramas reúnem o que existe de mais belo nesse tipo de renda.

Os nomes dos desenhos variam entre: GARFO, DEDOS, TESOURA, CORAÇÃO, TREVO, CORRUPIL e outros.

A renda Tramóia é executada exclusivamente pelas rendeiras da Ilha de Santa Catarina, nos distritos do Ribeirão da Ilha e Lagoa da Conceição.

CORES — As cores dependem da preferência do comprador, sendo brancas, beges ou vermelhas.

Rendas de Arco - As Rendas de Arco reúnem, em seus variados formatos, trabalhos de rara beleza. As toalhas ou colchas são executadas em quadros e montados nas barras das pontilhas de



Detalhes de **palma** e **centro** de uma roda de Renda Tramóia. As peças são trabalhadas separadamente e após, costuradas. Essas costuras são executadas com a máxima perfeição.

Roda de Renda Tramóia, tipo **palma**, cujo detalhe apresentamos acima.

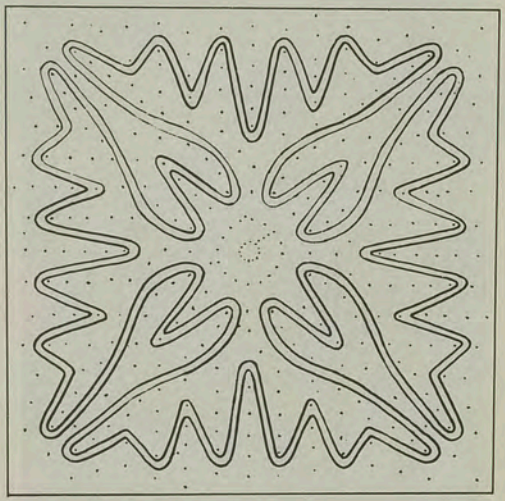
Aspecto de uma toalha em Renda Tramóia, tipo **tesoura**, numa mesa exposta.

Nas ricas residências de famílias catarinenses é comum o uso de toalhas de renda.

PIQUE de um quadro de Renda Tramóia, tipo "Tesoura".

O pique (modelo) de rendas é feito perfurando-se um pedaço de papelão, de acordo com o tipo da renda.

O desenho que apresentamos indica, nos pontinhos, a perfuração do papelão onde é fincado o alfinete na execução da renda. O contorno do modelo apresentado no desenho não figura no pique, ou seja, no papelão. A nossa intenção é apenas ilustrativa.



arco, concha ou leque. Entretanto, as toalhas em peças únicas, redondas ou ovais, com vários arcos entremeados com favos, rosinhas, margaridas, variam em dimensão entre 30 a 90 cm, sendo executadas com esmero pelas rendeiras de Vargem Pequena, Canasvieiras, Ratones e Ponta das Canas, no interior ilhéu.

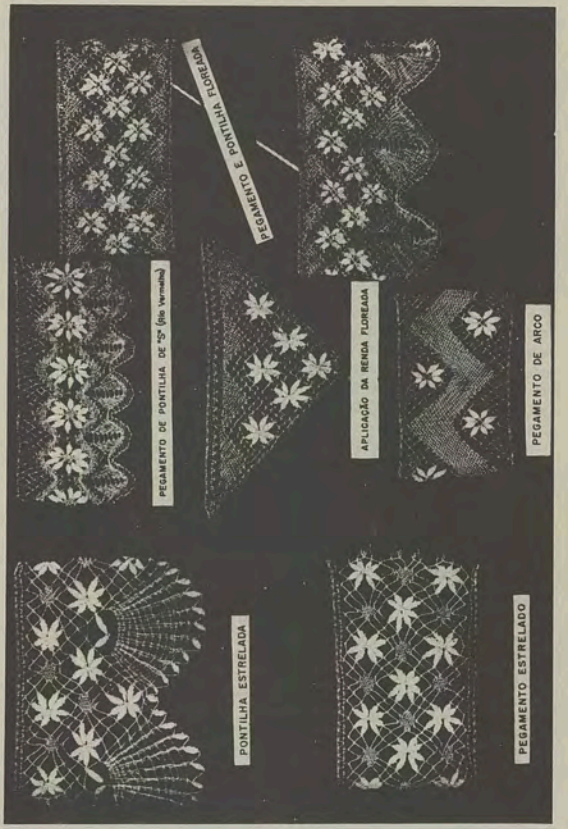
Rendas Peixinho e Boca de Sino — As rendas da Ilha variam de comunidade a comunidade. Enquanto que as rendas tramóia são próprias do Ribeirão e Lagoa da Conceição, as rendas Peixinho e Boca de Sino são das comunidades de Campeche e Rio Tavares, que primam em perfeição.

As rendas Peixinho e Boca de Sino são peças primorosas, no entanto não são muito encontradas, apenas as rendeiras associadas da ASSORI, Associação das Rendeiras da Ilha, ainda as executam e isso com dificuldade, alegam que pelo trabalho que dá, não compensa fazê-las. Isto vem ocorrendo também com outros tipos de rendas. Mesmo que seja pago preço alto, não querem executar peças que demandem demora em concluí-las e que requeiram maior perfeição. Assim vem ocorrendo com o jogo do Oval de Tira. E um conjunto de seis peças das mais lindas e as rendeiras vêm pouco a pouco se negando a fazer a peça maior desse jogo. É como diz o ditado, "não se faz mais rendeira como antigamente".

Mas isto é decorrente, segundo conclusão com certo fundamento, da excessiva procura e vendas a turistas na Lagoa da Conceição. As rendas vendidas na Lagoa ficam muito a desejar em matéria de perfeição. São geralmente inferiores em qualidade, em se comparando com as oferecidas pela ASSORI, visto que essa Associação exige de suas associadas as mais perfeitas rendas. Fornece os insumos por preços inferiores aos do comércio e paga preços justos, distribuindo participação nos lucros, além de pagar na entrega as rendas encomendadas. Mesmo assim muitas abandonam a sociedade, que foi criada com o objetivo de vê-las livres de intermediários, para confeccionar rendas para as barracas da Lagoa da Conceição, onde se vende de tudo, "sem luxo", como se exige na ASSORI, dizem.

Um dos objetivos da ASSORI, é conscientizar a associada de trabalhar a renda com perfeição, pois as peças assim trabalhadas alcançam melhor preço e mais "renda" para a executante.

Essa Associação mantém a sua loja de vendas de rendas na Alameda Adolfo Konder, ao lado do posto de informações turísticas da CITUR. A alameda é considerada ponto obrigatório de parada de onibus de turismo, bem como lugar preferido pelos turistas que chegam a Florianópolis, após atravessarem a Ponte Her-


PONTILHA ESTRELADA
PEGAMENTO DE PONTILHA DE "S" (fio Vermelho)
PEGAMENTO E PONTILHA FLOREADA
PEGAMENTO ESTRELADO
APLICAÇÃO DA RENDA FLOREADA
PEGAMENTO DE ARCO

cílio Luz. Nessa loja encontram-se as mais diversas e perfeitas rendas da Ilha, que procedem dos vários núcleos de rendeiras associadas existentes no interior da Ilha. Os preços são equivalentes às rendas vendidas na Lagoa da Conceição, e superam-nas em perfeição.

Nomes Diversos — Os nomes das rendas são os mais diferentes e registra na sua maioria o modelo da renda pelo qual poderá ser identificada. A renda Sapa, por exemplo, se identifica perfeitamente conforme a figura da ilustração. A Peixinho, O Beijo de Arco, Currupil, Flor de Café, Boca de Sino, Roda de Leque. Na seqüência desses nomes temos: Oval de Concha, Cocada, Rodinha de Arco, Margarida de Coração, Miudeira, Favo de Abelha, Bicuda, Maria Morena, Oval de Sino, Roda de Arco, Roda de Leque, Roda Estrelada, Sapatinho, Jardineira, Abacaxi, Sobrancelha de Menina, Porta de Igreja, Barriga de Cobra, Pingo de Chuva, Orelha de Mula, Renda Vinte, Penca de Rosas, Relevo, Ceará, Pé de Galinha, Forro de Casa, Coqueiro, Palmas, Pontilhas de Arco, Viola, Palmas etc. Pegamentos de Coração, Esterlinas, Estrelas, Olho de Boi, Viola, Conchas, além das Estrelas de cinco, sete e nove Pontas, e as golas e peitilhos para vestidos. Os modelos sofrem modificações, onde a criatividade de certas rendeiras lhes induzem a modificar. A maioria dos modelos conserva a tradicional origem açoriana, outros entretanto, têm sofrido reduções perdendo a sua autenticidade isso porém é justificável, visto ser decorrente da pressa de entregar a peça ao mercado consumidor.

A ASSORI, procurando evitar essas modificações, tem providenciado a retificação dos "piques", distribuindo-os às equipes de rendeiras, a fim de que as rendas trabalhadas fiquem mais ou menos uniformes, para não influirem na peça após costurada. Mesmo assim é difícil atingir a perfeição ideal, daí a justificativa de ser artesanato.

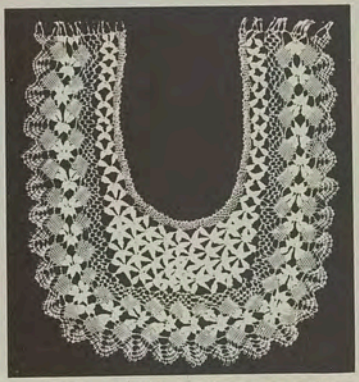
Das Rendas e seus Pontos

O registro de "pontos" na execução das rendas nos indicam: ponto inteiro, ponto corrido, meio ponto, ponto passado, ponto torcido, ponto de trança, perna cheia, pastilha, ponto puxado, ou perna esquecida, ponto pregado, repuxo, paninho.

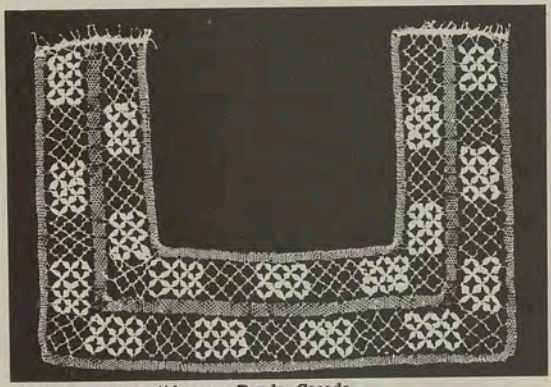
Algumas considerações sobre os pontos — Meio ponto ou ponto passado é o paninho de meio ponto. O ponto inteiro é o ponto em que a rendeira prega com o alfinete, quando isso não faz, esse ponto passa a ponto corrido, sendo que no paninho o ponto é obrigado a ser pregado nas beiradas. As rendas de Arco ou Ligeirinha são trabalhadas com o ponto corrido. O nome ligeirinha decorre de uma rendeira assim chamá-la, por achar ligeira a sua execução.

Peitilho em Renda de Arco de meio ponto e rosas margaridas de concha.

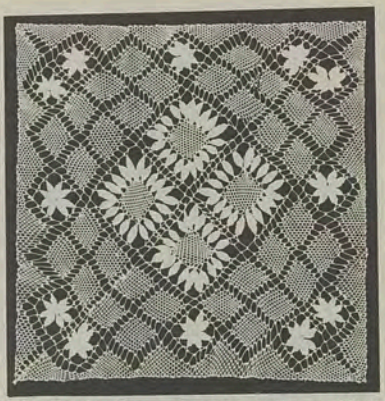
Toalha em Renda Miudeira, tipo Ceará. Bico de leque em ponto torcido, pano e ponto de trança. Rosas de pastilhinhas e Rosas de meio ponto. Centro em ponto torcido, pastilhinhas e Rosas de meio ponto.



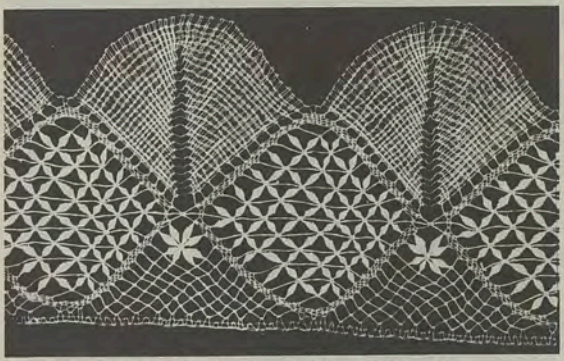
PALA para vestidos: Rosinhas e Rosas de meio ponto



PALA para vestidos em Renda Cocada.



Quadro de Renda Rosas de meio ponto e Margaridas de Concha.



Pontilha de Renda Cocada, com bico de Concha

Na pontilha de dois arcos, temos: paninho de meio ponto, ponto de trança, perna cheia, ponto torcido, ponto passado e ponto corrido. O paninho de meio ponto é feito sem apertar o par de bilros, já o paninho fechado é feito com o ponto apertado, seja "ponto inteiro".

OURELA — A ourela é feita nas pontilhas com o ponto torcido. Quando o bico é de leque é feito com perna cheia nas pontas.

A rendeira, no movimento natural dos bilros entre os dedos, torce a linha dos pares para executar os pontos. É um movimento instintivo, imperceptível para quem se dispõe a assistir a feitura de uma renda qualquer. Difícil mesmo de se notar. Esse torcimento é obrigatório e contribui também para que a renda executada adquira a dureza natural, como se fosse engomada, após a sua conclusão.

DAS ALMOFADAS — As almofadas variam de acordo com o tipo de renda a ser executada. São grandes, médias e pequenas.

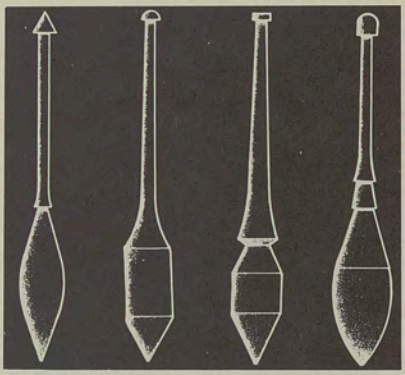
São pequenos sacos de panos, que após cheios de palha de bananeira, macela, capim do campo ou a vegetação Barba de Velho, tomam a forma de um cilindro, cujo diâmetro varia entre .. 29x32, 32x42, 00x100cm etc.

Essas dimensões são variáveis; há rendeiras que, para determinada peça de renda, usam uma almofada de 1 m de comprimento por 30cm, de diâmetro. O pique fica colocado em volta da almofada sem ser preciso mudá-lo nem despregar a renda para concluí-la. A rendeira vai virando o rolo ou seja a almofada até completar a renda. Isso no caso de uma peça inteira, única. Sendo pontilha, pegamento, entremeio ou mesmo outras peças, a proporção que a renda chega no final do pique, é despregada e enrolada, sempre com a proteção de uma toalha ou pano, a fim de evitar que a peça adquirira certa cor não condizente com a beleza natural de uma peça de renda bem cuidada.

DOS BILROS —

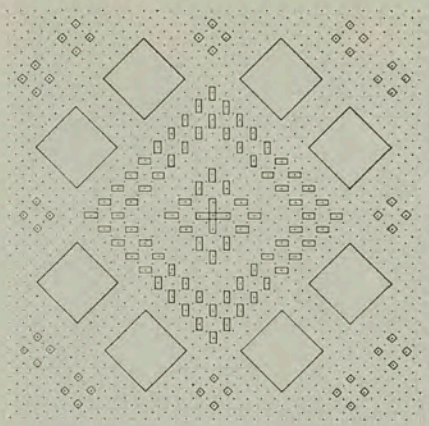
Os bilros são pequenas bobinas de madeira, feitos por artesãos da Ilha ou familiares das próprias rendeiras, que com certa habilidade suprem as obreiras dessa necessidade.

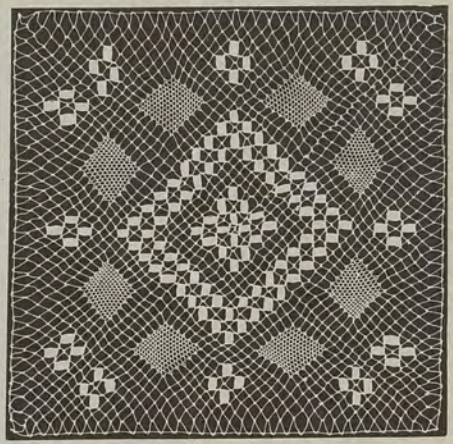
A madeira utilizada no preparo dos bilros são: Rabo de Macaco, Guamirim, Fruta de Pomba e outras. Rabo de Macaco dá um bilro de cor amarela. Guamirim a cor marrom e a Fruta de Pomba, o bilro com o uso torna-se preto. Cumbatá ou Conguatá é considerada a melhor madeira, entretanto, por ser muito dura, a preferência recai no Rabo de Macaco e Fruta de Pomba.



Apresentamos no desenho, quatro tipos diferentes de bilros. Essas diferenças, entretanto, não influem na confecção das rendas.

A rendeira, a almofada, a renda e os bilros, estes semelhantes aos do desenho acima.





"PIQUE" e quadro de Renda Miudeira Maria Morena. Trabalhado em ponto torcido, pastilhinhas e rosas de meio ponto. Empregado para pequenas toalhinhas, trilhos e toalhas para mesas etc.

As pontilhas são no mesmo estilo, porém em peças inteiras, conforme a dimensão da renda.

Do Preparo — Na feitura dos bilros são utilizados pequenos toros de madeira ainda verde. Esses toros deverão ter 2 a 2,5cm, de diâmetro por uns 15 cm de altura aproximadamente. A madeira verde facilita o trabalho do corte no seu preparo, cujas ferramentas utilizadas são: canivete e pequenas facas, o acabamento é feito com cacos de vidro ou raspadeira qualquer. Esses, após concluídos, devem ser bem uniformes.

Apresentamos quatro tipos de bilros diferentes. A altura dos mesmos obedece sempre o mesmo tamanho. Quanto a grossura, são variáveis, sem contudo influir na confecção da renda executada.

Os tipos de bilros em nada influem na feitura das rendas, entretanto muitas rendeiras preferem bilros mais pesados, outras os tipos maiores, outras por sua vez não têm preferência, quaisquer tipos valem. O costume é cada uma conservar sempre os que estão habituadas a trabalhar, que com o uso tornam-se como se fossem envernizados.

Cada rendeira tem os seus bilros predileto, não emprestam e não dão prá ninguém. Dizem algumas que os bilros têm influência na feitura da renda.

Numa rápida visita a Vargem Pequena, interior norte da Ilha, fomos encontrar a Sra. Lusiana Pinheiro trabalhando na renda Teimosa, com 24 pares de bilros. Mais adiante estava a rendeira Elsa Santos cercada por suas filhas Valdete e Valnete. A renda trabalhada era um trilho da Renda Cocada, numa almofada com oito pares de bilros. Disse-me a Sra. Elsa Santos que a renda, para ficar bem feita, tem que ser bem Cochada, que significa apertar bem a peça na sua feitura. Esse apertamento se dá automaticamente na execução da renda, daí a existência de rendas "durinhas" como se fossem engomadas, outras no entanto aparecem "moles" como se já estivessem sido lavadas.

Ponta das Canas — É um lugarejo de boa praia, onde residem inúmeras rendeiras. A rendeira Redy Neves Cabral tinha na almofada um Trilho de Concha trabalhada em linha branca Cléa, com vinte quatro pares. D. Guilhermina Cabral também de Ponta das Canas, disse que sua filha Eliete, já mocinha, havia começado a fazer renda com 7 anos. Na sua almofada estava um quadro de Margaridas. Já a rendeira Nely Coelho mãe de 6 filhos, 4 mulheres são rendeiras. D. Nely é associada da ASSORI. Trabalhava um trilho de Pencas de Rosas, em cuja confecção são usados 30 pares de bilros. Esses trabalham cinco pontos: Trança, meio ponto, ponto torcido e perna cheia.

Maria do Carmo também é rendeira da ASSORI. Na sua almofada fomos encontrar um entremeio chamado de Chapinha, feito com 14 pares de bilros em meio ponto, ponto torcido e perna cheia.

Iria Neves, associada da ASSORI, trabalhava um trilho de Pencas de Rosas. Duas de suas três filhas são rendeiras, sendo que Maria Marta com 15 anos, fazia a renda Bandeja Oval de Baratão. O esposo de D. Iria é pescador profissional.

Rendeira fazendo demonstração na Loja da ASSORI

D. Nely, de Ponta das Canas, associada da ASSORI, trabalhando um trilho de Pencas de Rosas, executado com 30 pares de bilros. O tipo da almofada é o das grandes, vendo-se o "pique" envolvendo-a totalmente.

Senhora Iria Neves, também de Ponta das Canas, associada da ASSORI, cercada por suas filhas e amiguinhas, no seu trabalho cotidiano.

Observa-se, pelas fotos, que quando o tempo permite, as rendeiras procuram as sombras dos seus quintais para o trabalho habitual.

Uma das **almofadas** citadas no texto, cujo diâmetro está entre 40 a 60 cm por 1 m, vendo-se o papelão do "pique" envolvendo a almofada. A peça vista é um trilho, da Renda Cocada.

Rendeira Elsa Santos de Vargem Pequena, trabalhando num mesmo tipo de almofada e de Renda Cocada.

Ex-rendeira, vendedora de rendas na Capital catarinense, cujo ponto de comércio situa-se nas proximidades de hotéis.

As rendas catarinenses também são oferecidas ao público, quase permanentemente, na rua Conselheiro Mafra, nas pequenas amuradas da Caixa Econômica Federal.

FOLCLORE NA FILATELIA

Ayres Gevaerd

Um dos temas mais interessantes dentro da Filatelia Moderna ou Filateia Temática, é a montagem de coleção com motivos Folclóricos.

Os múltiplos aspectos culturais de um Povo exigem do colecionador cuidadosos estudos que deverá ligar aos conhecimentos filatélicos.

Danças, Música, Indumentária e Adornos, Instrumentos, Vivendas, Folguedos, Cerimônias religiosas e profanas, Transportes, Literatura ,Cerâmica, Lendas, Tipos humanos, Brinquedos, Contos, são facetas que os selos apresentam em belíssimos detalhes e cores.

O nosso folclore, por exemplo, nestes últimos anos, vem sendo mostrado ao Mundo em toda sua plenitudę, numa louvável providência da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. E os editais, publicados em três línguas, fornecendo detalhes, completam as razões das emissões.

—— x ——

FOLCLORE — Ambrose Merton, pseudônimo do arqueólogo britânico William John Thoms ,em carta publicada no dia 12 de agosto de 1846, criou a palavra FOLKLORE aplicando-a a fatos tidos como COSTUMES E TRADIÇÕES DO POVO.

FOLK — POVO LORE — SABER

Definição e Classificação: Inúmeros são os autores dentre os quais o colecionador poderá escolher o roteiro que pretende seguir.

Oswaldo R. Cabral, em seu livro "Cultura e Folclore", edição de 1954, nos oferece a seguinte definição: "Folclore é um ramo da Antropologia que estuda todas as manifestações e aplicações coletivas de Cultura vulgar, mantidas geralmente pela tradição paralelamente às oriundas do saber erudito, entre grupos de cultura superior quaisquer que sejam as modalidades sob as quais se apresentem".

Na classificação o filatelista deve ater-se a um estudo o mais minucioso possível, em vista de sua amplitude.

São muitos os estudiosos nacionais e estrangeiros que merecem a escolha, depois de feito um quadro das emissões filatélicas, por intermédio de catálogo, o Yvert & Tellier, por exemplo.

FOLCLORE NA FILATELIA

Amadeu Amaral e Efrain Morote Best reúnem muitos méritos para a classificação e divisão do material folclórico.

Para a classificação do "Folclore Brasileiro", cujos motivos aparecem em nossos selos ,escolhi o seguinte:

Origens — Colonização — Grandes ciclos econômicos — Registros e Divulgação — Cronistas, Viajantes e Etnógrafos estrangeiros — Estudiosos brasileiros — Lendas — Superstições e Crenças — História popular — Arte Popular — Usos e Costumes — Diversões — Arte indígena — Literatura popular — Festas e cerimônias tradicionais — Influências — Indumentária e Adornos — Transportes — Diversões populares — Turismo — Vivendas populares — Carimbos comemorativos.

Origens — Colonização — Ciclos econômicos — As origens do Folclore Brasileiro, suas raízes propriamente ditas, residem nas heranças daqueles que povoaram a terra e de outros povos que vieram depois e transmitiram através do tempo as tradições que explicam a conduta e o hábito das gentes. (Dante de Laytano). (1.500 — Selo de 100 réis do 4º centenário do descobrimento; chegada do descobridor e a presença do índio. 1532 — 1932 — 4º centenário da colonização. Chegada de Martim A. de Souza a São Vicente. Selo de 700 réis da série comemorativa).

"O português, o negro e o índio, com seus cruzamentos ou não, dão-nos o substancial do Folclore Brasileiro; significam as próprias origens do nosso Folclore". (Dante de Laytano).

Outros povos apareceram em nosso território nos tempos coloniais: franceses, judeus, espanhóis, ingleses, holandeses, alemães, italianos, árabes, poloneses, sírios, libaneses, russos, japoneses. Correntes imigratórias que, se dirigindo para o sul, centro, norte e nordeste, trouxeram achegas notáveis ao Folclore Brasileiro. (A série de 5 selos de 1974 em que aparecem destacados, o índio, o negro, o português, o alemão, o italiano, o japonês e aspectos simbólicos, indicam a formação da Etnia Brasileira. O selo de 1971, centenário da Lei do Ventre Livre, "Mãe Preta", admirável interpretação de Lucilio de Albuquerque completa, no conjunto, o quadro das correntes imigratórias).

Os grandes ciclos econômicos: Cana-de-Açúcar — Representa o Folclore associado ao Patriarcado rural nordestino desde o período do Brasil Colônia, que se firmou nas Casas Grandes, senzalas e engenhos de açúcar. Existe todo um conjunto de vestuário, costumes, comidas típicas, música, etc. associado às grandes fazendas açucareiras. (Selo do 3º centenário de Cabo Frio. 1615 — 1915).

FOLCLORE NA FILATELIA

Café — A grande lavoura cafeeira do século XIX constitui a raiz, o tronco e os galhos da economia brasileira. Marcou indiretamente o folclore nas regiões em que era e é cultivado através da vida nas grandes fazendas. (Selo de 1.200 réis de 1938, em que se destaca o café do Brasil).

Algodão — Cultivado principalmente no nordeste. São muitos os traços folclóricos ligados às regiões em que é cultivado, flor e vestuário. (Selo de Cr$ 2,00 do 4º centenário de São Paulo, 1553 — 1953).

Registros e Divulgação — Os registros folclóricos de cronistas, viajantes, missionários, etnógrafos e naturalistas estrangeiros destacados em nossa filatelia, permitiram a autores brasileiros estudos que remontam ao século XVI quando se iniciava a formação do povo brasileiro.

Padre Manuel da Nóbrega — Grande missionário, veio para o Brasil em 1549. Foi chefe dos primeiros jesuítas que chegaram ao Brasil. (Selo da série "Cidade do Salvador", 1549 — 1949).

Padre José de Anchieta — Apóstolo, pregador, etnógrafo, cronista e gramático, veio para o Brasil em 1553. Autor de "Cartas" e "Arte de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil". (Selo da série "Anchieta", 1534 — 1934).

Agustin F. C. de Saint Hilaire — Viajante e sábio botânico. Os seus livros de viagens trazem valioso material de folclore e etnografia tradicional. (Selo de 1853 — 1953).

Jean B. Debret — Da Missão Artística Francesa. Seu famoso livro "Viagem Pitoresca e História ao Brasil" mostra belíssimos traços do Folclore Brasileiro. Figuras, Costumes, Trajes, Transportes, Festas ,etc. (Selos de 1970 com aquarelas de seu livro e o selo de 1969 com sua efígie).

Nossos selos destacam as seguintes personalidades brasileiras que dedicaram estudos sobre o Folclore:

José V. Couto de Magalhães — General de brigada, Doutor em Direito. E considerado o iniciador dos estudos folclóricos no Brasil. (Selo de 1938, centenário de seu nascimento).

João B. Rodrigues — Botânico, Antropologista e Etnógrafo. O exame da vida e raças indígenas levou-o ao Folclore. (Selo de 1942, centenário de seu nascimento).

Sílvio Romero — Bacharel em Direito, professor, deputado federal, membro de Institutos, Sociedades e Associações culturais no Brasil e estrangeiro. O Folclore nacional lhe deve as primeiras coleções de contos e cantos. (Selo do centenário de seu nascimento 1951).

FOLCLORE NA FILATELIA

José M. de Alencar — Escritor e político. Autor de "O Guarany", "Iracema", "Ubirajara", etc. Retratou tipos, cenas e costumes indígenas e do povo brasileiro. Século XIX. (Selo do centenário da publicação do livro "Iracema", 1965).

Antonio Gonçalves Dias — Um dos mais ilustres poetas brasileiros. Autor de "Os Tynbiras", "Primeiros cantos", etc .Traçou em seus poemas os costumes, as tradições e a alma das populações autóctones do Brasil. (Selo comum de 1965).

Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon — Notáveis foram as suas pesquisas e estudos de raças, idiomas e costumes das tribos indígenas, das quais foi ardoroso defensor. (Selo comemorativo de 1958).

Euclides da Cunha — Engenheiro civil, capitão do exército, autor de "Os Sertões", obra monumental da Literatura brasileira. Notável reunião de documentos de geografia humana e antropologia cultural. (Selo comum de 1966).

Lendas — História popular

Rio das Amazonas — "estas mulheres são muito alvas e altas, com o cabelo muito comprido, entrançado e enrolado na cabeça. São muito membrudas e andam nuas em pêlo, tapadas as suas vergonhas com os seus arcos e flechas nas mãos, fazendo tanta guerra como dez índios", Frei Carbajal — 1541. O nome AMAZONAS foi dado por Francisco de Orelana, o descobridor do rio. (Selo do 4º centenário do Rio Amazonas — 1943).

Vitória-régia — Flor típica da região amazônica, está ligada aos mitos e lendas indígenas da área. (Selo da Feira mundial de Nova York — 1940).

Cataratas do Iguaçu — Lembram uma das mais belas páginas do Folclore indígena. A lenda de Araí, a virgem que ousou amar o Senhor dos rios, Pira-iara. (Selo de 1937, da série Turismo).

Saci Pererê — Negrinho pequeno, ágil com uma única perna; na cabeça uma carapuça vermelha com poderes mágicos; na boca o eterno cachimbo. É zombeteiro, solta assobios assustando gado e pessoas. Presença no norte do Brasil.

Zumbi — Do Quimbundo Nzambi. Divindade. Título dado a chefes militares. O último chefe dos ex-escravos insubmissos do Quilombo dos Palmares tinha essa denominação.

Chico Rei — Tradição muito popular em Minas Gerais. Rei Africano extraía ouro de uma mina para comprar a sua liberdade e a de seus companheiros. Rico, constituiu um reinado africano e cristão em Minas Gerais.

Negrinho do Pastoreio — O mais popular dos mitos do Rio Grande do Sul. Perdendo a tropilha de baios que pastoreava, foi surrado e morto. Ressuscitado milagrosamente, apareceu montado em um lindo cavalo baio.

Iara — Rainha das águas. Mito dominador em toda Amazônia. Símbolo da sedução feminina. (Selos da série de 28.02.1974: Saci, Zumbi, Chico Rei, Negrinho e Iara).

Usos e costumes — Arte Popular — Diversões

Carranca do rio S. Francisco — Reprodução figurativa de animais ou monstros marinhos para afugentar "maus espíritos".

Dança Gaúcha — Entre outras "O anu", "A tirana" e o "Balaio", danças consagradas e representativas do Folclore do Rio Grande do Sul.

Capoeira — Inicialmente uma forma de luta transformando-se em jogo de destreza. Originária de Angola, África, é muito praticada na Bahia por ocasião de festas populares.

Cerâmica Karajá — Arte indígena famosa pela singularidade das suas apresentações.

Bumba meu boi — Folguedo nacional por excelência. Os figurantes diferem nas várias regiões, conforme predileção local. Vive em Santa Catarina no "Boi de mamão", (Luiz da Câmara Cascudo). (Selos da série Folclórico de 1972).

Arte popular indígena

Duas culturas indígenas no Brasil oferecem aspectos peculiares pelo valor de sua Arte; a da ilha do Marajó, na embocadura do rio Amazonas e a dos Tapajós na região paraense de Santarém. A primeira criou o estilo Marajoara. A Tapajó embora não tendo atingido a mesma perfeição, o seu oleiro revela qualidades artísticas extraordinárias. Cerâmica Karajá, do Grupo Indígena que vive na região do Araguaia. Notável arte representada principalmente por figuras humanas. (Selos: Cerâmica Santarém — Centenário do Museu Goeldi, 1966. Cerâmica Marajoara da série de 1975 e Cerâmica Karajá, da série Folclore de 1972).

Arte popular e Literatura popular

Rede de dormir — Originária das Antilhas e divulgada na América do Sul através do Grupo Tupi — Guarani. "Leito oscilante" — usado em todo Brasil, especialmente no norte e nordeste.

FOLCLORE NA FILATELIA

SELOS:

1) — **Estudiosos do Folclore Brasileiro**
Sílvio Romero • Barbosa Rodrigues • Euclides da Cunha

2) — **Cronistas Viajantes e Missionários**
Padre José de Anchieta
Augusto de Saint-Hilaire
J. B. Debret

4) — **Casa de Enxaimel**
Comum na região do rio Itajaí; Blumenau, Brusque, Pomerode, etc.

5) — **Etnia brasileira**
"O português, o negro, e o índio, com seus cruzamentos ou não, dão-nos o substancial do Folclore Brasileiro; significam as próprias origens do nosso Folclore. (Dante Laytano).

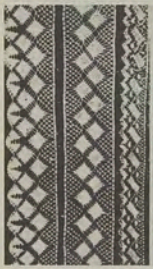
6) — **Lendas brasileiras**
Saci-pererê

7) — **Bumba meu boi**
Folguedo nacional por excelência. Em Santa Catarina, vive no "Boi de mamão".

8) — **Uirapuru**
Pássaro das florestas amazônicas. Dizem que quando canta, todos os pássaros ficam quietos para escutar-lhe o canto.

9) — **Carnaval carioca**
Carnaval é folclore; nele permanece ritmo, instrumental, fantasia, máscaras, figuras desgarradas de autos populares. (Alceu M. Araújo).

10) — **Diversões**
Congada do Serro, Minas Gerais.



FOLCLORE NA FILATELIA

1

1

1

2

2

4

2

5

6

7

8

9

10

Literatura de cordel — Nordeste. Divide-se em dois grupos. Poesia improvisada, interpretada por cantadores e Literatura de Cordel, poesia situada entre o lírico e o épico, impressa em folhetos com capas ilustradas com xilogravuras populares.

Cerâmica de Vitalino — Mestre Vitalino, o artista do barro, natural de Caruaru, Pernambuco. No princípio fazia bonecos de barro, anos depois criou figuras humanas e de animais; conjuntos modelando usos e costumes populares.

Rendas de Bilro — Artesanato chegado ao Brasil com os primeiros colonizadores portugueses, predominando entre o Ceará e Alagoas e na ilha de Santa Catarina. Almofada, papelão, alfinetes e bilros, os equipamentos das rendeiras, acionados com extraordinária habilidade. (Série de 4 Selos — Outubro de 1974).

Festas e cerimônias tradicionais religiosas

NATAL — Festa do Folclore religioso universal. A árvore de Natal é uma contribuição alemã e o Presépio, influência italiana em nosso Folclore. (Bloco de 1970. Natal — reprodução de um quadro de Cândido Portinari, Selo de Natal de 1966 e o de 1973 com envelope e carimbo).

Lavagem do Bonfim — Festa tradicional de cunho religioso realizada em Salvador, Bahia, na igreja de Nosso Senhor do Bonfim. Devoção trazida ao Brasil pelo Capitão de mar e guerra da Marinha Lusa Teodósio R. de Faria em 1745. Belíssima festa em que participa também o sincretismo católico — fetichista. (Selo "Lavagem do Bonfim — 1972).

Círio de Nazaré — Procissão que faz parte do culto de Nossa Senhora de Nazaré, originária da aldeia de Nazaré — Portugal, Padroeira no Brasil da cidade de Belém, Pará. (Selo: Círio de Nazaré — 1972).

Influências

Gaúcho — Habitante típico da região dos Pampas. Sua literatura, linguajar típico, música e costumes peculiares formam o folclore típico do extremo sul do Brasil. O gaúcho está ligado a inúmeras lendas e contos do Sul. A campanha gaúcha possui um dos Folclores mais ricos do país. (Selo do centenário Farroupilha, 1935).

Influência do italiano — Em 1875/6 o índice de entrada de imigrantes italianos no Brasil passou a ser maior do que a de portugueses. Em grande escala dirigiram-se para as Províncias do Sul: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. Nota-se a influência religiosa, confrarias, presépios, devoções, etc. Nas ativi-

dades citadinas, ação na agricultura, prática de trabalho, pães, massas, galeto, o vinho e o cancioneiro da colheita, etc. A Festa da Uva é realizada anualmente no Rio Grande do Sul, (Dois selos: Festa da Uva de 1954 e 1972).

Festas e cerimônias tradicionais
Diversões populares —
Indumentária e Adornos.

Congada do Cerro — Minas Gerais. Reinado do Rosário — a mais tradicional das festas serranas. Herança dos Pretos que criaram na região a Associação dos Irmãos do Rosário. Cantos, desfiles, trajes e instrumentos característicos são destaques nessa manifestação popular.

Frevo — Pernambuco. "Passo" — dança individual. "Frevo" — dança e música coletiva. "Passo" se dança com o "Frevo". Original do Recife, o antigo "Capoeira" pulando na frente das Bandas Musicais, criou, sem querer, as bases do "Passo".

Guerreiros — Alagoas — Auto e dança tradicional. Característica principal, a beleza e riqueza dos chapéus e das coroas. As vestes são muito bonitas, imitando os antigos trajes coloniais. Coreografia variada e a melodia encantadora. (Três selos da série de 1975 — Manifestações populares).

Transportes — Embarcações populares

Gaiola — Pequeno vapor fluvial, cujo nome deriva da existência de camarotes nas amuradas. Rio São Francisco.

Regatão — Embarcação usada geralmente na Bacia Amazônica para transporte de mercadorias.

Jangada — Construída com paus amarrados com embira vermelha muito comum na costa do Nordeste Brasileiro.

Saveiro — Embarcação de transporte de passageiros e/ou carga e de pescaria usada especialmente na Bahia e Sergipe. (Selos da série "Embarcações" — 1973).

Diversões populares

Carnaval — Carnaval é Folclore; nele permanecem ritmo, instrumental, fantasia, máscara, figuras desgarradas de autos populares. (Alceu M. Araújo). Festa máxima do Folclore no Brasil. (Série de quatro selos "Carnaval Carioca" — 1970).

Folclore e Turismo

Símbolos folclóricos na aproximação dos Povos. (Selo do vôo inaugural Brasil — Japão. Varig — 1968) — Vestes tradicionais do Brasil e Japão.

(Selo "Ano Internacional do Turismo — Carnaval do Rio — 1967).

Vivenda e habitação popular

Palafita — Região amazônica. Casa de madeira sobre estacas fixadas no leito das águas. Cobertura de palha.

Oca indígena — Rondônia. A sua construção é uma arte onde os índios empregam seus conhecimentos de materiais e do meio em que vivem. Sua construção é circular, coberta de palha e com abertura no topo. A reunião de várias malocas forma uma aldeia indígena.

Casa de enxaimel — Santa Catarina, comum nos municípios de Brusque, Blumenau, Joinville e outras cidades que receberam imigrantes alemães no período colonial. Tijolos à vista cruzados por travessas de madeira de lei. Telhado alto e bem inclinado permite um confortável sótão.

Carimbos comemorativos

Além dos aplicados nos dias de lançamento, existem os seguintes:

Particular — "Dia do Folclore" — 22 de agosto — Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.

Oficiais — Dia do Folclore — São Paulo — 1964.

Mês do Folclore — 1969 — São Paulo.

Exposição de folclore em selos. 2ª Feira de artigos típicos brasileiros — São Paulo — 1965.

Festival Nacional de Folclore — 1973 — Olímpia.

Idem. 4ª Exposição Filatélica — 1973 — Olímpia.

Bibliografia:

Luis da Câmara Cascudo — Autologia do Folclore Brasileiro — 3ª edição.

Oswaldo R. Cabral — Cultura e Folclore — 1954.

Alceu M. Araújo — Festas — Bailados — Mitos e Lendas — 1964.

Dante de Laytano — Origens do Folclore Brasileiro — 1968.

E. B. C. T. — Editais — Diversos.

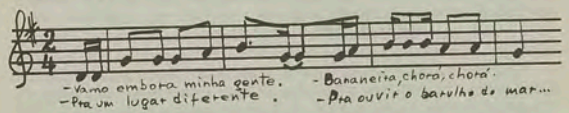
PEQUENA SUÍTE DO BOI-DE-MAMÃO

C. A. Angioletti Vieira

O Folclore é um manancial maravilhoso de sugestões para estudos e aproveitamento nas artes. O artista encontra no cotidiano de seu mundo uma variedade de motivos para seu trabalho e, dos fatos folclóricos, têm surgido obras de arte desenvolvidas a partir de temas do domínio popular.

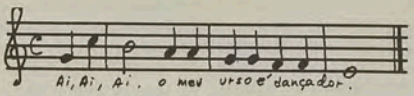
No intuito de registrar, de estudar e de divulgar ainda mais o nosso folclore musical — precisamente o de origem açoriana, na Ilha de Santa Catarina — elaboramos uma peça musical (em três movimentos) para orquestra de cordas, cujos temas básicos saíram da dança do boi-de-mamão. Essa obra que denominamos "Pequena Suíte do Boi-de-mamão" conjuga temas recolhidos pessoalmente durante a nossa meninice, quando presenciávamos as encenações do "Boi do Lili", do "Jaqueta" (os mais notáveis e sofisticados que lembramos) e de outros mais simples que também nos impressionaram bastante.

Mas vamos deixar de lado essas agradáveis recordações para falar da "Pequena Suíte do Boi-de-mamão": O primeiro movimento (ligeiro, em sol maior) é iniciado com o tema da "bananeira", que é cantado pelo grupo em movimento, isto é, quando o grupo vai caminhando à procura dos interessados em pagar uma encenação. Imaginando-nos no local onde se desenvolverá a dança, ouviremos a cantoria que vem de longe:

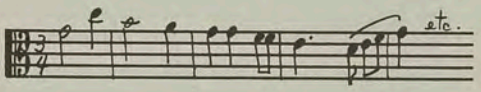


Começa em **piano** e vai crescendo gradativamente à medida que se aproxima. Os violoncelos e contrabaixo "sussurram" a "bananeira", enquanto os violinos e as violas "batem" acordes imitando um violão. Depois, os violinos repetem o tema (e nessa altura a sonoridade está bem mais forte, pois representa o grupo no local da dança). Na seqüência, os temas do cavalinho, do boi e da cabrinha são executados num trabalho de entrelaçamento das cordas. Acaba-se a apresentação e o grupo vai indo embora para dançar noutra casa. Os instrumentos repetem o tema inicial deste movimento e, diminuindo a sonoridade, vão-se apagando até sumir em pizzicato.

No segundo movimento (lento, em dó maior) ,a viola fica com a responsabilidade do tema principal (dedicado à figura do urso dançador) A forma original é ampliada ritmicamente e os violinos,



mais agudos que o tema da viola, executam outra linha melódica diversa do motivo folclórico, mas perfeitamente equilibrada e clara, podendo-se observar e ouvir todos os instrumentos indistintamente. Nesse movimento é que pensamos demonstrar a saudade e o romantismo.



Finalmente, no terceiro movimento (rápido-cômodo, em lá maior) todo o trabalho se desenvolve com mais vivacidade e vibração, pois, após o movimento anterior "retomando-se os ânimos" é como se houvesse o desejo de retornar às alegrias da dança, o que acontece, desta vez com outros temas. Em dois acordes em pizzicato as cordas anunciam o **recomeço**, e, em seguida em pizzicato e arco — é criado um novo clima rítmico (mais vivo) que antecede a aparição da **bernúncia**.

Entram em cena a Maricota e o Jaraguá. Há um diálogo constante entre os violinos e os violoncelos, devendo-se salientar os "apartes" da viola, nos momentos em que esses dois temas são utilizados .O ambiente de alegria é mantido até o acorde final que vem encerrar a peça, após um sincopado em modo crescente e acelerado.

Para a execução dessa obra, a orquestra de cordas deve ser composta por violinos (primeiros e segundos), violas, violoncelos, contrabaixo e piano (no número e proporção ideais). Ainda podem ser incluídos instrumentos de percussão, como um surdo e chocalhos, para melhor caracterizar os aspectos desejados.

A Pequena Suíte do Boi-de-mamão foi composta em homenagem à Orquestra de Câmara de Florianópolis (da qual somos integrantes e fundadores) que a tem incluída em seu repertório de concertos.

UMBANDA — FOLCLORE OU RELIGIÃO?

A. Seixas Netto

(DA ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS E DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE)

Há em Santa Catarina, um Órgão Superior de Umbanda, para dirigir, orientar e coordenar os trabalhos umbandistas. Isto significa, certamente, que os umbandistas se associam sob regulamentos, possuindo, portanto, diretrizes de trabalho e estudo.

Esta rápida introdução é para estabelecer uma pergunta: Umbanda é no Brasil, religião ou folclore?

Poderá haver, evidentemente, uma série de respostas razoáveis a esta pergunta, mas o que se nos interessaria é, por certo, uma resposta lógica e ao mesmo tempo analítica, para situar perfeitamente o problema e não respostas filosóficas, ideológicas que, por extravasarem à razão, levam a uma visão distorcida e provocadora de paixões e contrapaixões.

Analisando-se à luz da sociologia atual — que não é ciência porque não está alinhada por leis irrevogáveis, passíveis de cálculo matemático, mas pode ser vista como a arte de apreciar os fenômenos sociais em determinado instante histórico — a umbanda pode ser vista como uma seita religiosa sincretizada isto é, resultante da interpenetração de trechos de várias religiões. No momento atual, a umbanda, assim vista, é uma religião em formação, procedente de ritos afros, associados a figurações do cristianismo e ao mitologismo indígena brasileiro. Por isto, as entidades podem ser representadas por santos do martirológio romano, imagens, idéias das crenças afro, mina, nagô, congueis, etc., e figuras simbólicas e místicas do panteão tupi-guarani, cuja representação maior é a Iara (a Mãe dos Rios). Este sincretismo resulta de que nenhuma pessoa é capaz de se conter dentro dum só campo religioso-ritualístico e sempre extravasa para o mistério, que é mais uma defesa biológica que espiritual. Assim, buscam-se certos ritos para cuidar da saúde do corpo e não da estabilidade da alma. E a tendência do ser humano em querer dispor do futuro e do passado, desprezando o presente, leva a inquirir suas deidades, primeiro extra-religiosas e depois ritualísticas sigilosas. Assim, a umbanda vai estruturando-se em religião e poderá, por certo, tornar-se de aplicação muito geral.

UMBANDA

Analisando-se à luz do folclore, entendo que umbanda não é folclore porque lhe falta o princípio histórico do uso e costume popular aberto. (Ela ou outra qualquer poderá se tornar folclore após séculos de aplicação, pela relembração de fatos e passagens marcantes). Assim, por exemplo, o boi-de-mamão que já foi um ritual de cura, é folclore, porque se conserva o uso do simulacro sem conhecimento da realidade do rito e da sua aplicação. Por isto, hoje, o boi-de-mamão, não passa dum evento circense, muito distorcido e sem valor. E assim irá até ao desaparecimento. (Ver nosso Ensaio sobre o boi-de-mamão na Revista Blumenau em Cadernos, 1976).

Assim, chamar a umbanda de folclore é ter desconhecimento pleno da umbanda e do folclore. Não se pode comparar o rito no gongá com um pau-de-fitas (ritual fálico) ou com boi-de-mamão atual. É como que fazer heresia e descurar da tolerância de culto. (E é bom esclarecer que o autor não é umbandista).

Os terreiros umbandistas são, à sua feição e modo, templos de culto e assim vistos têm muita importância.

Em Santa Catarina, de modo geral, a umbanda está muito disseminada entre o povo, principalmente nas classes de nível cultural elevado, (o que pode parecer incrível a muitos) e há cidades com terreiros muito freqüentados nos seus rituais, tanto de trabalho interno como festivos. Citam-se Joinville, Blumenau, Itajaí e outras. Em Florianópolis há terreiros de nomeada. E há pequenos terreiros e humildades gongás onde pessoas se benzem, invocam seus caboclos-guias, com grande respeito e fé. Calcula-se, em Florianópolis, uns 200 terreiros, muitos já filiados ao Órgão Superior de Umbanda.

Assim, na opinião deste folclorista: umbanda não é folclore, é crença religiosa em evolução, procedente dum amplo sincretismo. Um dia, no futuro, com distorções, arremedos, poderá se tornar folclore, mas isto levará séculos. E também poderá se tornar, se bem cultuada, panteão mitológico do nosso povo.

A idéia simplista de que umbanda é folclore depõe seriamente contra a tão alardeada cultura atual...

FESTA DO DIVINO

FESTA RELIGIOSA E PROFANA

"No calendário das comemorações religiosas celebradas anualmente no Tubarão mais de ontem, duas delas ocuparam sempre um destacado lugar.

Diferentes em tudo e só iguais na simpatia e na devoção do nosso povo, eram compartilhadas pelo apoio em peso do tubaronense.

Uma delas era marcada por contagiante tristeza e o seu desenrolar como que oprimia a oração dos crentes.

E, havia ainda, aqueles panos roxos a esconder os inquilinos santos dos altares.

Sisuda demais, a Semana Santa.

Já a segunda, era festa de verdade. Com o povo a trazer para a rua o colorido alegre das suas roupas simples. A sua tagarelice crescia em meio a um cenário transbordante pelo espocar dos foguetes ,com sons musicais e nervosos repiques de sinos.

Mas, falemos ainda um pouco desta última, já que traz a volta da sua linha religiosa, ingredientes profanos sempre do agrado popular.

Era a "FESTA DO DIVINO"

BANDEIRA DO DIVINO - Ribeirão da Ilha

FESTA DO DIVINO

A escolha do Imperador, da Imperatriz, dos Pajens e, ainda dos festeiros, marcava praticamente o início de um novo período festivo.

Era, porém, à aproximação da data marcada, que tinha lugar a "saída das bandeiras", na busca das prendas — galinha, cabritos, dinheiro — para os bazares de todas as noites.

A cidade e sua periferia eram vasculhadas de casa em casa, com banda de música. Moças cantavam uma melodia tradicional que pedia e também agradecia pela doação recebida, e tendo à frente duas grandes bandeiras vermelhas, que vistas à distância, mais pareciam uma borboleta gigante esvoaçando festiva ao carinho do "nordeste" mais forte.

Na semana que precedia a festa propriamente dita eram cantadas novenas com a velha igreja toda iluminada. O povo lotava a praça da Matriz, aguardando a passagem dos imperadores no rumo do velho pardieiro chamado de Império, onde eram realizados alegres bazares.

Depois, calavam as melodias musicais. Silenciavam os repiques dos sinos, e Tubarão voltava para o seu trivial diário. Com modéstia e já saudoso dos acontecimentos que assistira, como se fora a passagem de um meteoro brilhante, mas de curta e efêmera luminosidade".

Walter C. Zumblick
Do III volume de "ESTE MEU TUBARÃO ...!"
em composição.

Bandeira do Divino

1º (Pedido)

A bandeira nesta casa
Ao Divino pede oferta
Prá fazermos as despesas
Com os preparos desta festa.

2º (Agradecimento)

Muito Obrigado
Pela vossa esmola
Que a Deus agrada
E a nós consola.

BANDEIRA DO DIVINO — Ribeirão da Ilha

ADIVINHAÇÕES NO MUNICÍPIO DE FLORIANÓPOLIS

BIOMÓRFICA

1 — Tico-tirico-tico
não tem pena, não tem perna
e não tem bico.
depois
Tico-tirico-tico
já tem pena, já tem perna
e já tem bico.
R. — O ovo e o pinto. (TM)

2 — Uma casinha branca,
sem porta, nem tranca.
R. — O ovo (TM)

ZOOMÓRFICA

3 — À meia-noite se levanta o francês.
Conta as horas, não conta o mês.
Traz esporas, não é cavaleiro.
Tem serra, não é carpinteiro.
Tem picão não é pedreiro
cava a terra não ganha dinheiro.
R. — O galo (TM)

4 — Sou filho de corso raso.
Corro pouco, logo paro,
da terra faço amparo.
R. — Tatuíra (EB)

5 — Eu tatu tenho no nome.
Alcanço o tatu na alvura,
É bom que eu mate a fome
nos dias que me procuram.
R. — Tatuíra (EB)

ANTROPOMÓRFICA

6 — Quando vai pra lá
Está com a barriga pra cá.
Quando vem pra cá
está com a barriga pra lá.
R. — As pernas (TM)

7 — Redondinho, redondão,
abre e fecha sem cordão.
R. — Os olhos (TM)

ADIVINHAÇÕES

8 — O que é que é meu e os outros
é que tratam?
R. — O nome (MB)

9 — Comadre me empreste,
eu não lhe empresto porque tenho,
vá pedir a quem não tem
que lhe empreste.
Quando eu não tiver, lhe emprestarei.
R. — Berço (me empreste) criança (não lhe empresto porque tenho). (MB)

10 — Entre tábuas e tabuletas
existe uma dama fechada,
faça sol ou chuva
ela está sempre molhada.
R. — A língua, entre os dentes. (MB)

11 — Torre alta com duas janelas
abre-se, fecha-se,
sem ninguém mexer nela.
R. — A cabeça (torre alta) e os olhos. (MB)

12 — A primeira e segunda Deus dá,
a terceira tem que comprar.
R. — Dentição. (EB)

13 — Dois viu e cinco apanhou,
dez descascou e 32 comeu.
R. — Os olhos vêem, cinco dedos apanham, dez dedos descascam e 32 dentes comem, uma fruta. (EB)

14 — O que é que se planta com o olho para cima,
mas não nasce?
R. — O defunto. (EB)

FITOMÓRFICA

15 — O que é, o que é,
Capote, capotinho, capotão?
R. — A cebola (TM)

16 — Nasce enforcado
e morre degolado?
R. — O cacho de bananas (MB e TM)

17 — Qual é a folha que não tem beirada?
R. — A folha de cebola (MB)

ADIVINHAÇÕES

18 — Qual é a árvore que dá fruto e não dá folha?
R. — Baboso (MB)

19 — Qual é a mãe que antes de ser mãe
os filhos já tinham nascido?
R. — A bananeira (MB)

20 — Tem barba como homem,
tem dente mas não come.
R. — O alho (EB)

21 — O que é que está no mato esticado
e vem para casa casa enrolado?
R. — O cipó (EB)

22 — Pateirinha de dois paus,
passa o branco, o preto não.
R. — O algodão (a semente fica) (EB)

23 — Branco foi meu nascimento,
encarnado fui trajado,
hei de me vestir de luto,
para ser mais estimado.
R. — O café (EB)

24 — De Roma me veio o nome,
coroada eu nasci,
duzentos filhos que tive,
de encarnado vesti.
R. — A romã (EB)

25 — Alto as estacas com seu penacho,
água na junta e flor no cacho.
R. — O coqueiro (EB)

POIKILOMÓRFICA

26 — Na água nasci,
Na água me criei,
e se na água me botarem,
na água morrerei.
R. — O sal (TM)

27 — Qual é o pássaro que em gaiola não se prende
só se prende quando se solta,
por mais alto que ele voe,
preso vai e preso volta.
R. — Papagaio de papel (TM)

ADIVINHAÇÕES

28 — Com capa não anda,
sem capa não pode andar,
para formar o brinquedo,
sacode a capa pra lá.
R. — O pião (TM)

29 — Um velhindo bem velhinho
anda mais pelo mato
do que pelo caminho.
R. — O fogo (TM)

30 — O que é que os mortos comem
e os vivos se comerem morrem?
R. — Nada (MB)

31 — Quem não tem não quer ter,
quem tem não quer perder.
R. — Demanda, questão. (MB)

32 — O que é que temos em casa
e não queremos ter na casa?
R. — O fogo. (MB)

33 — O que é que tá no canto, corre o canto todo,
vai pro canto de novo?
R. — A vassoura (MB)

34 — Quanto maior menos se vê?
R. — A escuridão (MB)

35 — Quanto mais se tira maior fica?
R. — O buraco (MB)

36 — Boca pra baixo está cheio,
pra cima está vazio?
R. — Chapéu (EB)

37 — O que é que só fala quando está calado?
R. — O leme (EB)

38 — Garça branca no campo verde,
bico n'água morrendo a sede?
R. — O navio no mar. (EB)

39 — No alto está, no alto mora,
todos vêem, ninguém lhe adora.
R. — O sino (EB)

ADIVINHAÇÕES

DESCRITIVA

40 — Igreja preta,
sacristão de pau,
os anjos dentro
tocando berimbau.
R. — Uma panela de feijão no fogo, com a colher de pau e o feijão pulando. (TM)

41 — Muitas damas num castelo,
todas vestem de amarelo.
R. — Laranjas maduras na laranjeira. (TM)

42 — Nós somos todos irmãos,
moramos na mesma casa,
se um errar sua casa
todos erram a sua.
R. — Botões da camisa (TM)

43 — Um quarto com doze moças,
todas têm meia e nenhuma tem sapato.
R. — O relógio (MB)

COMPARATIVA

44 — Seis mortos espichados,
cinco vivos passeando,
os vivos não dizem nada,
os mortos estão falando.
R. — O violão. (TM)

ou — Seis mortos esticados,
cinco vivos a passear,
os vivos estão calados,
e os mortos a falar. R. — Idem (MB)

45 — Cinco bois numa carreta,
cavando terra branca,
pra plantar semente preta.
R. — Os dedos da mão, a caneta, a folha de papel, a letra (TM)

46 — Em cima do pinho o linho,
em cima do linho a flor,
em cima da flor o amor.
R. — A mesa, a toalha, os pratos e a comida. (TM)

47 — Um pau de doze galhos,
cada galho tem seu ninho,
cada ninho tem seu ovo,
cada ovo um passarinho.
R. — O ano. (TM)

48 — Campo grande, gado miúdo,
moça formosa, rapaz caneludo.
R. — O céu, as estrelas, a lua e o sol. (EB)

ARITMÉTICA

49 — Quando é que dez e dez não é vinte,
e mais cinquenta é onze?
R. — 10 horas e 10 minutos, mais 50 minutos, onze horas. (MB)

—— x ——

As adivinhações acima foram recolhidas em três lugares diferentes da Ilha de Santa Catarina, respectivamente por Tereza Motta (TM), que recolheu adivinhações no bairro da Trindade, Edite Barreto (EB) que o fez na Praia do Campeche e Mafalda Boeing (MB) que as coletou com o sr. Walmor ,em Ponta das Almas, Lagoa da Conceição.

Na classificação das mesmas, aproveitamos a classificação feita por Walter F. Piazza em "Folclore de Brusque". Temos, entretanto, algumas adivinhações que poderiam pertencer a dois tipos diferentes. Para exemplificar, citaremos a de número 40, que classificamos como Descritiva, mas que, a nosso ver, poderia ser também enquadrada em Comparativa. Não foram encontradas adivinhações que pudessem ser enquadradas nas demais classificações.

GRUPO FOLCLÓRICO ALPINO GERMÂNICO
TESTO SALTO — BLUMENAU

Apresenta as seguintes danças folclóricas
Danças e trajes típicos na Bavária e Áustria.

Quatro danças diferentes de figuras com sapeteado. (moças e rapazes)

Danças dos lenhadores alpinos com sapateado (somente rapazes)

Dança de pau-de-fitas com sapateado (moças e rapazes)

Dança dos tapas com sapateado (somente rapazes)

Dança dos ciúmes com sapateado (2 rapazes e 1 moça)

Durabilidade de cada dança, 5 minutos.

Apresentam também canções folclóricas alpinas (em alemão) e canções folclóricas brasileiras.

QUADRINHAS RECOLHIDAS NO INTERIOR DA ILHA

Foi a praia passear
Ver o cá maré dizia
A maré me arrespondeu
Que amor firme não avia

1

Amor firme não avia
Que a semente se perdeu
Todos plantão mais não nasce
Só no meu peito nasceu

2

O fogo quanto se apaga
Na cinza deixa a quentura
O amor quando é firme
No coração sempre dura

3

O fogo quando se apaga
Na cinza deixa o calor
O amor quando é firme
No coração deixa ador

4

Quando veres a garça branca
Pelo céu ir avoando
São as minhas saudade
Que te vão acompanhando

5

Eu venho de lá tão longe
Descendo morro e ladeira
Sómente para cantar
Nesta linda ratueira

6

Eu venho de lá tão longe
Passando estrada medonha
Sempre sonhando contigo
E tu comigo na sonhas

7

Eu venho de lá tão longe
Passando estrada e ladeira
Pra vir no Ribeirão
Saudar nossas rendeiras

8

Atirei meu lenço branco
Por cima da flor sucena
Não se que tive meus olhos
Que gosto da cor morena

9

Eu gostei da cor morena
Porque nela fui nascida
Quando vejo a cor morena
Fico no mundo esquecida

10

Antes que meu pai me mate
Minha mãe me tire a vida
Não ei de deixar amar
Aquela prenda querida

11

Aquela prenda querida
Aquela querida prenda
Não passa dia nenhum
Que eu dele não me lembre

12

QUADRINHAS

Meu amor não considera
Quem considera perdeu
Eu falo com todas moço
Meu coração é só teu

13

Meu amor tu consideras
Considera na verdade
Considera que meu peito
Para outro não se abre

14

A roseira quando nasce
Arebenta com sustança
O meu peito tem filmesa
O teu não tem segurança

15

Cravo rocho, rocho cravo
Trago em minha almofada
O dia que não te vejo
Não como, não faço nada

16

——— o ———

A RENDEIRA

1

Eu sou a simples rendeira
Trabalho muito e sou bondosa
Por ser simples e tímida
Não deixo de ser famosa

2

Todos que me conhecem
Me acham muito formidável
Com o trabalho que tenho
Ainda sou muito agradável

3

Quando termino minha renda
Vou pra cidade pra todos a ver
Espantados todos vão vão dizendo
É de Ribeirão? Só pode ser.

4

Na cidade vou gritando
Olhem as rendas, quem as quer
[comprar
Para que um pouco de valor
Possam ao meu trabalho dar

5

As rendeiras são famosas
No mundo, e no Brasil inteiro
Estas senhoras são o orgulho
Do nosso povo brasileiro.

(Vandina de Barros)

——— o ———

CRENDICE, ORAÇÕES, REZAS E BENZEDURAS

Crendices, Orações, Rezas e Benzeduras, é um trabalho de pesquisa, que está sendo realizado por Doralécio Soares, com a colaboração de todos em Santa Catarina que queiram enviar orações, rezas, benzeduras e crendices do seu conhecimento. O objetivo é reunir em um só volume esse farto material existente da cultura popular em nosso Estado.

A cultura popular é rica em sabedoria. Divulgá-la é um trabalho que nos propomos a fazer. Envie a sua colaboração para: Doralécio Soares, rua Júlio Moura, 28, 1º andar, 88.000, Florianópolis. É indispensável para registro, nome e endereço do remetente.

REZA — Benzedura

Vinha Pedro Paulo de Roma, chegando numa encruzilhada e encontrou com Jesus Cristo. Jesus perguntou a Pedro Paulo de onde ele vinha. Disse Pedro Paulo a Jesus Cristo, Senhor eu venho de Roma, o que há em Roma Pedro Paulo. Senhor muita zipra zipela e zipelão. Disse Jesus Cristo a Pedro Paulo volta lá Pedro Paulo, vai curar aquela gente da zipra zipela e zipelão. Perguntou Pedro Paulo a Jesus Cristo, Senhor como se cura a zipra zipela e zipelão. Disse Jesus a Pedro Paulo, com **fucho verde e água fria, em nome de Deus e da Virgem Maria.**

ORAÇÃO DA ESPINHA

Quando Jesus andava em peregrinação pelo mundo, de certa feita pediu uma pousada numa rica casa.

A dona da casa disse, aqui não temos lugar, somente naquele rancho velho lá nos fundos. Jesus aceitou humildemente o que lhe oferecia.

À noite a mulher mandou para Jesus uns peixes miúdos para a janta ficando com os peixes grados. Aconteceu que ela se engasgou com uma espinha e na agonia o marido lembrou-se do velho que estava no rancho ,talvez ele soubesse benzer. Lá procurando, ele já havia partido. Indo ao seu encontro, encontrando-o perguntou se ele benzia de espinha na garganta. Jesus então lhe disse: **espinha ou osso, ou suba ou desça desse pescoço, em nome de Deus e da Virgem Maria.** Que a repetisse três vezes, e assim a mulher ficou curada.

CONCEITO: Casa nova, esteira velha/homem bom, mulher malina/Peixe miúdo na ceia/Peixe grado no almoço/Que a espinha ou osso/Suba ou desça desse **pescoço**/Em nome de Deus e da Virgem Maria.

MORAL DA HISTÓRIA: O que não serve para ti, não ofereças ao teu próximo.

ORAÇÃO DA CABRA PRETA

Fulano, és o ferro eu sou o aço, tu és o diabo eu te embaraço em nome da cabra preta. O teu sangue eu bebo, teu coração eu parto. Ó valha-me minha cabra preta. Desatai o Fulano para mim, se ele estiver por outra amarrado, eu desato. Acordai se ele estiver dormindo, para que ele se lembre de mim. Se ele estiver esquecido dai três berros ao lado dele, para que ele fique louco e desesperado por mim e que não possa parar enquanto não vier falar comigo.

SÃO MARCO PEQUENINO

Amansador de burro brabo, amansai o coração de Fulano que tá tentando o diabo. Creio em Deus padre, Amém. Deus sois Deus, tudo que ele quer com a palavra de Deus, ei de fazer tudo contigo Fulano, debaixo da sola do meu pé.

ORAÇÃO — A CHAGA DO OMBRO DE JESUS

Perguntando São Bernardo ao Divino Redentor, qual era a dor que mais sofria e mais desconhecida dos homens, Jesus lhe respondeu: Eu tinha uma chaga profundíssima no ombro, sobre o qual carreguei minha cruz; essa Chaga era a mais dolorosa que as outras. Os homens não a conhecem. Honra pois essa Chaga e farei tudo o que por ela pedires.

ROTEIRO PARA EXECÙÇÃO DE UM CALENDÁRIO CULTURAL DE 1978

Theobaldo Costa Jamundá

Registro de manifestações culturais

1. — Festejos Culturais e Cívicos

1.1 — Data onomástica do Estado de Santa Catarina — 25 de novembro

1.2 — Festas de Nossas Tradições
(Festas populares, religiosas e de conotações culturais e regionais)

1.3 — Festas de Nossa Senhora dos Navegantes:
Intróito

São eventos religiosos da área onde o mar deu contribuição no tipo de equipamento usado pela criatura humana pioneira e também se introduziu na religiosidade. Em alguns municípios litorâneos, como os que abaixo relacionados, a Nossa Senhora dos Navegantes é cultuada com profundo sentimento religioso. E este, além de envolver toda comunidade, sobressai pela dominância da veneração como originada nas próprias raízes da organização social.

Assim, é notada, com destaque, nas cidades de:

a. Itajaí

b. Laguna (de 4 em 4 anos)

c. Em outras cidades litorâneas, nas quais, os resíduos da cultura açoriana são percebíveis. Nas duas citadas, por primeiro, o aparato místico é digno de apreciação. As procissões em que consistem as festas são realizadas no mês de fevereiro.

1.4 — Festa de Santo Antonio (Padroeiro da Laguna — cidade)
É de grande significação como popular e tradicional. (junho)

1.5 — Festa de Nossa Senhora do Caravaggio (cidade de Brusque, SC)

Anualmente no mês de maio. É de significação destacada na religiosidade do grupo humano católico da cultura européia, para ali transplantada. A sua realização é todo ano no dia 26 de maio (sem muita precisão o dia, mas sempre em maio), extensionando aquecida a devoção originada em Milão (Itália) no século XV no povoado de Caravaggio.

1.6 — Festa de Nossa Senhora de Azambuja — mais conhecida como festa de Azambuja (Brusque, SC) — realizada no Santuário de Azambuja, que foi construído no estreito vale onde a fé católica, devota de Nossa Senhora, recomendou pertinente organização ambiental. E por esta causa foi construída a gruta sob a capela. Verdade que a construção foi iniciada em 1927 quando entretanto a Santa de Azambuja — onomástica regional — já nos fins do século passado, era manifestada devoção fervorosa. É das grandes manifestações de fé católica catarinense sempre testemunhada pela romaria antecedente do dia da realização da festa, anualmente a cada dia 15 de agosto.

1.7 — Festas do Divino Espírito Santo
Intróito

Na área cultural de dominância teuto-brasileira como da açoriana, as Festas do Divino são tradicionais. Quem anotá-las encontrará diferenciações porém sempre como Festas do Divino, assim chamadas simplificadamente. Embora inovadas pelos fatores da evolução, garantem os ingredientes que as tornam festas populares. Anualmente são realizadas nas cidades de Blumenau (onde desfruta de conceituação) porém ocorrem em outras cidades como Camboriú, Florianópolis, Lages e várias sedes distritais.

a. — Em Florianópolis, SC, no mês de maio, anualmente, o ir chupar laranja em público operou modificação na Festa do Espírito Santo de um bairro: a Festa da Trindade ou da LARANJA. Esta é realizada depois da data do Espírito Santo. Tomou a denominação de "Festa da Trindade" por causa do bairro que se chama Trindade, simplificadamente, em lugar de Santíssima Trindade como é denominada a Paróquia criada em 1853. Na boca do povo é também popularmente conhecida como "Festa da Laranja", porque coincidentemente na época da safra da fruta exibida abundantemente, nos taboleiros de vendilhões, nas barraquinhas e nos outros vendedores espalhados por cantos e recantos. Assim a presença denominante da fruta acabou por situar em segundo plano o nome religioso da festa, que rigorosamente deveria ser Festa da Santíssima Trindade. Com estas considerações ou não, é festa popular com repercussão significante em todos os municípios da Grande Florianópolis.

b. — Em Santo Amaro da Imperatriz, SC, esta festa tem significação rica e imaginativa com toda pompa muito digna de se ver, se mostrar e se divulgar. A sua realização ocorre entre os meses de maio e junho de cada ano: num ano ela é desenvolvida em torno do Imperador e noutro em torno da Imperatriz. Começa ritualmente numa quarta-feira com a chegada do mastro, que é fincado em

praça pública; na quarta-feira da ascensão é celebrada a primeira Missa da festa. Daí por diante, o ritual segue os seus passos cerimoniosos, galantes e folclóricos. Na versão dos mais antigos o ritual executado, ainda hoje, chegou a Santo Amaro da Imperatriz com os açorianos.

1.8 — A Devoção de Corpus Christi

a. — Na cidade de Itajaí, SC, a Procissão de Corpus Christi é realizada a 29 de maio, anualmente, e é coincidente com a devoção muito venerada do Santíssimo Sacramento, que é o titular da Igreja matriz. A procissão compõe manifestação testemunhada de maior expressão de fé católica. Do município inteiro como doutros limítrofes, ocorrem à cidade festejantes caravanas e caravanas de devotos envolvidos na fé tradicionalizada. O conteúdo místico da procissão é dos mais contagiantes e belos da vida católica catarinense.

b. — Cidade de Tubarão, SC, nesta a 31 de maio, anualmente, e é com imponência de fé católica difícil de imitar realizada a Procissão de Corpus Christi. A vida comunitária inteira dedica-se ao acontecimento religioso que atrai a participação da religiosidade católica de todos os municípios vizinhos.

c. — Vidal Ramos, SC, Rodeio, SC, Biguaçu, SC, nestas cidades as Procissões de Corpus Christi são realizadas com base em devoção tradicional, sendo que em épocas diferentes, conforme segue assim, em data variável, data marcada pelo calendário católico e no mês de junho, respectivamente, em cada uma das mencionadas.

d. — Na cidade de Criciúma, SC, as festividades de Corpus Christi desfrutam de importância merecente do apreço reservado às devoções privilegiadas.

1.9 — A Devoção do Senhor dos Passos

Em Florianópolis, SC, consiste na procissão maior, que além de mobilizar massa humana do interior da Ilha de Santa Catarina e dos municípios limítrofes, demonstra pela participação de todas as classes sociais e as mais altas autoridades civis e militares, que além de ser espetáculo de multidão que reza, é por si primeiro e anualmente, uma demonstração de fé pública e forte exibindo traço cristão herdado de gerações sedimentadas da devoção. Em Florianópolis ocorre só a procissão do Senhor Jesus dos Passos aproximadamente duas semanas antes da Páscoa.

Nos municípios de Criciúma e Tubarão, SC, a devoção do Senhor Jesus dos Passos também é manifestada por Procissões distinguidas como tradicionais e populares.

1.10 — Outras manifestações

Na cidade de Nova Trento, SC, é realizada no dia 26 de junho a

Festa de São Vigílio. É antecedida por novenário concorrido. O Santo é o padroeiro do município e tem devotos no interior e além-fronteiras municipais. É tão significante a devoção do padroeiro neotrentino, que se comparados a popularidade e o aparato da sua festa com os da procissão de Corpus Christi que ali também é realizada com veneração profunda os da sua devoção aparecerão como maiores. Festa maior também desta cidade é a da Nossa Senhora do Socorro. O seu culto vem de 1911 e envolve a população católica de todo o vale do rio Tijucas e das regiões avizinhadas, é realizada em meio de cada ano mas a Sala dos Milagres, de Nossa Senhora do Bom Socorro, situada no alto do morro da Cruz, é visitada, diariamente, o ano inteiro.

Na cidade de Lages, SC, é comemorado com grande afluência o dia de N. Sª. dos Prazeres de Lages, a 15 de agosto de cada ano.

A Festa da Cruz realizada, anualmente, a 02 de maio entretanto é voz geral como voz do povo, que é a mais arraigada no sentimento religioso do lageano e dos seus vizinhos católicos, também habitantes nos municípios componentes da zona fisiográfica de Lages.

2. — Programações que visam estimulação, progresso e aperfeiçoamento, culturais.

Festivais (Coordenados pela Unidade Operacional de Assuntos Culturais — Secretaria de Educação e Cultura).

a. — Festival de Inverno de Itajaí, realizado em julho de cada ano, com a colaboração de órgãos culturais, municipais, estaduais e nacionais.

b. — IV Festival de Música Erudita. (2º semestre de 1978).

3. — Eventos de Turismo Cultural
(com base no potencial das diversas áreas culturais)

Em convênio com os órgãos culturais do Governo do Estado de Santa Catarina, conforme o Plano Estadual de Cultura.

a. — Festival de Bandinhas, no período de março a abril, anualmente, na cidade de Timbó, SC.

b. — Festa das Flores, em novembro, Joinville, SC (promoção que tem participação maior de todas as classes joinvillenses e poder público).

c. — IV Festival Catarinense de Folclore no mês de agosto (1978) sob a coordenação da Comissão Catarinense de Folclore, numa promoção da Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo da Prefeitura de Joinville.

d. — Encontro Internacional de Cantores, em agosto, promovido pelo "Centro Cultural 25 de Julho", Blumenau, SC.

e. — Lages, SC, realização da Festa do Pinhão, anualmente no mês de julho.

4. — Cultura Artística
(estímulo à criatividade artística)

Exposição de Artes Plásticas: Coletiva de Artes Plásticas promovido pela Galeria Açu-Açu/Blumenau, SC, durante o mês de outubro, com a colaboração do Governo do Estado.

5. — Manifestações Folclóricas Catarinenses

a. — Boi-de-Mamão, na área da cultura açoriana principalmente, na faixa litorânea, no período de janeiro a fevereiro. E exatamente nesta época ocorrem apresentações de Ternos de Reis, Pau-de-Fita, Boi-na-Vara, Ratoeiras, Pão-por-Deus, Rei-de-Santo-Amaro.

b. — Na área cultural dos descendentes dos germânicos e ítalos convém a observação para os hábitos transplantados da Europa, que se não são cientificamente folclóricos, de certo modo assim são entendidos. E estes, em maioria, estão ligados ao Natal, à Páscoa e ao Espírito Santo. Isto se entende no modo de venerar, cultuar, festejar, como por exemplo: 3 dias de lazer nas datas mencionadas para fazeres e quefazeres inerentes, correlacionados com a própria vida comunitária, consistindo o lazer para visitas interparentescas. Sendo importantes nos fazeres natalinos o armar o pinheiro, enfeitá-lo, acendê-lo. Muito particularmente o acendê-lo e em seguida entoar o cântico próprio que unicamente os autênticos portadores da cultura o fazem com a importância e a grandiosidade inimitável. Na Páscoa, fazer ou comer as guloseimas da época, como: ovos coloridos rescendentes à marcela ou simplesmente anilinados na cor preferida. E ainda dizer para todos com espontânea felicidade: "Boa Páscoa", que só tem valor se for dito com a simplicidade notória dos que nasceram netos — dos que aprenderam com os avós a cultuarem a Páscoa.

c. — Na área cultural situada no planalto serrano catarinense, na ecologia da mata de pinheiros (Pinho brasileiro — Araucária angustifólia) onde o homem, o cavalo e o boi — uma associação tipo — identificam a área cultural gaúcha, as diferenciações transferem à observação, um papel regional peculiar à área fisiográfica: ali a habitação, os quefazeres do pastoreiro, os hábitos, os costumes, a cozinha, as lendas, os causos, as orações, as devoções, as benzeduras, as adivinhações, o cancioneiro, as danças, as trovas, as histórias, o vocabulário, tudo e todos ingredientes componentes do viver regional e percebidos no quotidiano, seja no lar, no trabalho ou no lazer, valem-se das invenções, problemas e soluções inerentes, e transferem à observação programada fora, o painel regional peculiar à

característica fisiográfica. Não é preciso aprofundamentos para se ver a urdidura das conotações culturais interdependentes, na qual sobressai diferenciações harmônicas entre si porém variadas, se avaliadas com as da faixa litorânea ou doutras fisiografias nas dominâncias do rio do Peixe e do Uruguai. E acresce, para maior complexidade, que a criatura humana colonizou os vazios em grupos portadores de heranças culturais diversificadas. Assim as manifestações folclóricas catarinenses, enredam-se como não é comum em outras regiões brasileiras. E por isso, todo o cuidado é pouco para se dizer, corretamente, sobre o assunto. Quando muito se queira fazer se deve começar a reequipar suficientemente, o órgão a dimensionar a tarefa, que não deverá ser "hobby" para deliciar diletantes.

6. — Evento cultural fixo
Em março abertura do Ano acadêmico da Academia Catarinense de Letras

7. — Ciclo de Palestras
(Aperfeiçoamento cultural através de promoção oficial relacionada no Plano Estadual de Cultura)

Ciclo de Palestras Culturais: sob o patrocínio da Secretaria de Educação e Cultura com a coordenação do Conselho Estadual de Cultura e a Unidade Operacional de Assuntos Culturais. O ciclo obedecerá esquema organizado. A primeira palestra será em outubro e a última no dia 24 de novembro transcurso do aniversário de nascimento do poeta Cruz e Souza.

8. — Concursos
(Estimulação à criatividade literária e artística prevista no Plano Estadual de Cultura)

a. — Concurso de Contos Prêmio Virgílio Várzea (nível estadual) realização assegurada pelo convênio da Prefeitura Municipal de Florianópolis, Unidade Operacional de Assuntos Culturais e o Conselho Estadual de Cultura.

b. — Considerações: a filosofia de estimulação à criatividade cultural (letras, artes e artesanato) recomenda soma de esforços para:

— realização de convênios;
— eliminação de programações paralelas para evitar poluição de recursos.

Literatura de Cordel

DILA O POETA XILOGRAVURISTA

Dila é um poeta romanceiro dos mais credenciados do nordeste. Mestre na xilogravura lançou ultimamente o folheto ilustrado "RASTO DAS HISTÓRIAS", apresentando quadros impressos em xilogravura de acontecimentos e figuras ligadas a vida de Lampião. No seu dizer são RASTO DAS HISTÓRIAS. Autor e Editor de ARTFOLHETO São José, estabelecido a rua Guarany 36 – Caruaru - PE. Dila, como é conhecido apresenta as ilustrações. "OS FERREIRAS, PAI E FILHOS, O PAI DE VIRGULINO, MORTE DO PAI DE VIRGULINO, VIRGULINO FERREIRA VINGA O PAI, O ENTERRO, SENHOR PEREIRA, EMBOSCADAS, HOMENS DE VILA ISABEL, VIRGULINO FERREIRA "LAMPIÃO", MÃE E FILHO, ARMAS, LAMPIÃO CEGOU DE UM OLHO, DEIXA AGRICULTURA, LAMPIÃO, AMOGREVE, LAMPIÃO NA FEIRA, AMEAÇA, NA CASA DO SAPATEIRO, MATA ESPOSO E SEGUE COM LAMPIÃO, LAMPIÃO E MARIA BONITA, CURISCO, CABRA DE LAMPIÃO, CAPANGA, SERRATALHADA, PÃO DE AÇÚCAR, PADRE CÍCERO E O CAPITÃO VIRGULINO, LAMPIÃO 28 DE JUNHO, CEL. BEZERRA, AS CABEÇAS. FIM.

O pão bateu
No meio da feira
Levantou poeira

A bananeira de dagadiço
Você diz isso por brincadeira
Meto-te a madeira
Quebro-te a viola
O que me consola
É te ver um dia
De vara e guia
Pedindo esmola

São versos de afamados poetas repentistas do norte e nordeste, que com seus desafios e porfias se entregam as pelejas em duelos, martelos, carteirão, quadrão, embolada, có-

ço de roda e outras lutas, cujos nomes classificam as contendas desse tipo de cultura popular.

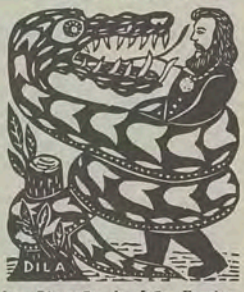
Tu não dás em ninguém
Porque tens a língua rombuda
Vais pegar no peso
Sabendo que não te ajudas
Depois terminas apanhando
Não há quem te acuda.

Cantadores, poetas populares, romanceiros e repentistas os mais afamados, dão ao povo do norte e nordeste aquele sentido de envolvimento em todos os problemas do cotidiano. Da vida de um povo, cujas condições de vivência notadamente na região agreste do sertão, enfrentam as mais árduas lutas pela sobrevivência.

Romanceiros, cantadores e Poetas Populares, têm as suas vidas ligadas as regiões, cidades e lugarejos, onde os aspectos sociais oferecem condições para a florecente criatividade dos seus temas. São histórias do ouvi dizer, de crendices, beatices, de valentes e valentões, superstições, milagres, ficção, vultos da história e da política. Do viver de cangaceiro, do vaqueiro, do homem que virou bode, A Fada e o diabo; Restos das histórias, bode, cangaço e lutas. O peru que falou, o côco do pinto pelado. Do homem que sem mulher não passa. Aricós do comércio. O pai de Virgulino. O enterro. A emboscada. O homem de Vila Bela Virgulino Ferreira Lampião. O sertanejo. Antônio o cabra chocalha Lampião cegou de um olho. O sonho de um Romeiro, com Padre Cícero Romão. Um bandoleiro lutando em defesa do amor. Antônio Silvino e o negro Curripito. História do Boi Leitão, ou vaqueiro que não mentia.

Discussão de um crente com um cachaceiro. A moça que virou cabra. O Velho Calpora. A briga de um velho em Mossoró. História de Zezinho e Mariquinha. O monstro Pageu. A chegada de Lampião no Inferno. O malandro e a Piniqueira no chumbrego da Urgia. História do valentão do mundo. A força do amor materno. A vitória de Marcos Freire. As presepadas de Pedro Malazarte. Bagagem do Nordeste. Casamento de Camões, com a filha do Rei. As bravuras de noventa e nove. Jesus e São Pedro. Peleja de Aderaldo filho do cego, com Alexandre, o neto de Zé Pretinho. As dores de uma traição. Camões e o Rei Mágico. Profecia, vida e morte de Padrinho Cícero Romão. O Beato Pistoleiro. O valente de cascavel. O papas que virou bode, porque profanou Frei Damiãnho. A luta do Padre Cícero contra o Diabo. Discussão de João Formiga com Francisco Parafuso. A vida de Pedro Cem. Pincipe do Barro Branco e a Princesa do vai não. Toma. O Sábio sem Estudo. Visão Misteriosa. As palhaçadas de Zé Pancinha. Só Deus sabe e Ele sente.

AUTOR: José Cavalcanti e Ferreira Dila



Aqui hoje apanha
Seja quem for
Até um doutor
Perde a façanha
De cantador.

Tu queres que eu fique contigo
Como diz com o Zé Firino
Que era alto ficou baixo
Era grosso ficou fino
Da meia noite pro dia
Chorava que só menina.

São centenas, milhares de folhetos em estórias pelejas, que os mais afamados poetas populares produzem contribuindo assim para que a chamada Literatura de Cordel tenha esses folhetos expostos a venda dependurados em cordeis, em barracas de feiras, bancas de jornais, nas festas populares e religiosas, ou oferecidos ao público por duplas de cantadores que se portam nas praças públicas, em frente à igrejas, mercados e feiras livres, cantando ou peleando ao tom de

Literatura de Cordel

panaeiros, violas ou acordeons. São cantadores famosos dos quatro cantos dos Estados do norte ou nordeste. É um cem número de autores e peleiadores que disputam para o seu Estado, o melhor cantador do repente ao pé da viola. Vamos encontrar nos Estados do Pará, Rio Grande do Norte, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais, afamados repentistas, cujas fertilidade criativa tem dado motivos a que sociólogos, promovam estudos, para medir e compreender o espírito dessa gente que não faz outra coisa há não ser poesias nos mais variados conteúdos.

ORIGEM: É uma tradição que nos vem da Europa. Os portugueses do século XVIII, as tinha, com a expressão de "literatura do cego", por ter sido promulgada por Dom João V, em 1789, em que permitia a Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa vender essas bruchuras.

Na Espanha os espanhóis à denominava de "pliegos de cordel", e ainda "pliegos sueltos".

Já os Franceses à chamavam-na de "Literatura de Colporge", cuja venda é feita por vendedores ambulantes.

Segundo registramos, na atualidade, esse tipo de folhetos, ou seja essa literatura, também existe em Portugal, Espanha, México e Sicília. Os assuntos também versam sobre estórias antigas de amor, acontecimento importante da atualidade, heróis do passado e presente, casos de amor passionais, assuntos de filmes de Televisão etc.

A Literatura de Cordel tem sido tão estudada e comentada que se fossemos reunir os estudos e comentários realizados, dariam grossos volumes.

No Brasil muitas vezes são os próprios poetas autores que comercializam os seus folhetos, sendo também editores, como é o caso do poeta Romanceiros, José Cavalcante e Ferreira – Dila de Caruaru, PE, o maior xilogravurista do nordeste. Do paraibano Leandro Gomes, um dos grandes poetas populares, cuja produção é classificada como dos melhores, podendo se citar ainda Francisco Batista Fraga, José Bernardino da Silva, que diz possuir o maior estoque de folhetos do norte do Brasil.

Como disse acima, se reunissemos o que já se escreveu sobre a Literatura de Cordel, teríamos grossos volumes. Agora se considerarmos a produção das centenas de poetas populares existentes no norte e nordeste e enfeixassemos em volumes, seria difícil estabelecermos o volume da obra. A meu ver seria até uma idéia valida, classificando-se seletivamente os assuntos.

Por muitos séculos ainda perdurará esse tipode Literatura, mais somente na posteridade se poderá fazer um estudo comparativo e avaliativo, se reunissemos classificadamente toda produção esparsa desses poetas.

É óbvio que não se deve confundir generalizando, vendedores de folhetos, com os poetas populares, romanceiros, cantadores etc. É comum a maioria dos vendedores de folhetos, ser elementos ligados ao meio dos produtores e possuindo certa habilidade, gosto pela poesia e estória, decoram trechos e até folhetos inteiros e passam a pelejar em desafios, apregoando fatos ligados as estórias que oferecem a venda "NEGRÃO DO PARANÁ E O SERINGUEIRO DO NORTE".

Media um metro e 80
A altura do Negrão

Tinha munhecas de onça
Os braços como pilão
Era um monstro de grossura
Mas ligeiro como um cão.

II

Só andava bem armado
De punhal e cartucheira
Um rifle papo amarelo
Com botina bandoleira
Chapéu de coro e a roupa
De mescla azul verdadeira.

III

Uma vez foram dez praças
E um valente oficial
Para dar fim ao negrão
Que estava feito chacal
Acabando até os santos
Da fazenda Maciel.

IV

Pegou logo o oficial
Para começar a briga
Deu-lhe um arrocho tão grande
Que estorou-lhe a barriga
E o chão ficou todo cheio
De sangue tripa e lumbriga

Matou mais cinco soldados
De três quebrou perna e braço
E dois por serem ligeiros
Se escapuliram do laço
E o negro ficou sozinho
Virando o resto em bagaço.

VI

Chegou um samba na casa
De tal Chico Nicolau
A música era zabumba
Gaita pife e birimbau
E dessa vez o negrão
Fez um bonito sarau

E pra dançar tudo nú
Quero ver quem dança bem.

A estória continua até o aparecimento do seringueiro do norte, que acaba com a alegria do negrão.

Foram vertos tirados do folheto do título acima, do Editor e proprietário João José da Silva.

Notem os leitores o acerto da versificação, todas em setissílhas, mais ou menos corretas.

A contribuição desses folhetos na diminuição do índice de analfabetismo na zona agreste do sertão, tem sido grande, visto que o analfabeto não se contenta mais em escutar essas estórias, ele mesmo procura as escolas do MOBRAL para se alfabetizar e ler os próprios folhetos.

O TROVADOR NA LITERATURA DE CORDEL

Na contra capa do folheto "O homem que teve uma criança no Estado de Alagoas" de Minelvino Francisco da Silva, ITABUNA 1956, encontramos a seguinte trova:

Neste vasto terreno brasileiro
Ao poeta baiano dão louvores
Do poeta formado ao violeiro
Até mesmo humildes trovadores.

Existindo mesmo grande solidariedade entre trovadores e poetas populares, surgindo daí a Associação Nacional de Trovadores e Violeiros, fundada em 1955, depois sucedida pelo Grêmio Brasileiro de Trovadores. Registramos também a existência dos jornais A VOZ DO TROVADOR e O TROVADOR, que muito contribuiu para o espírito de classe dos poetas populares. Do trovador pernambucano Mário Mota registramos:

I

"O beijo é uma coisa tão boa
Que nem sempre satisfaz
Quando um beijo ardor
Tem vontade demais.

II

"Estes teus seios querida
Estes teus seios amor
São duas coisas divinas
Seduzindo um pecador.

CONTRA-CAPA DE FOLHETOS

Convém destacar, que as contra-capas de Folhetos, são de um valor extraordinário para os editores, seja "A PÁGINA EDITORIAL DO POETA POPULAR", e sob este mesmo título foi objeto de um substancial estudo de MARK J. CURRAN, publicado no no. 32 da Revista Brasileira de Folclore, página 5 a 16 CURRAN.

Diz este, que os temas classificados segundo o propósito editorial do poeta que imprimiu o folheto, dando a seguinte classificação:

"1 – Propaganda poética do poeta editor
2 – Propaganda comercial paga ao poeta editor
3 – Propaganda política paga ou voluntária
4 – Orações atribuídas ao Padre Cícero de Juazeiro
5 – Homenagens feitas pelo poeta editor
6 – Propaganda de horóscopos e astrologia popular
7 – Dados biográficos dos poetas condecorações e aniversários deles.
8 – Notícias e propagandas das organizações poéticas
9 – Declarações sobre a qualidade estética
10 – Declarações dos direitos autorais"

As louvações dos poetas romanceiros, as grandes personalidades, teem sido uma constante nos temas desenvolvidos.

Entre esses destacaram-se Juscelino Kubitschek, quando presidente, John F. Kennedy, Padre Cícero, Jânio Quadros e outros; deste último, com capa do folheto de Manoel d'Almeida Filho "A ESPETACULAR VITÓRIA DE JÂNIO QUADROS", nas Eleições de 1960, que transcrevemos, a glosa do padre nosso "Jânio Quadros que estais eleito, glorificado seja vosso nome, venha a nós a vossa justiça seja feita a vossa administração, assim em todo o Brasil como em São Paulo".

1 – "O SERMÃO DO PADRE CÍCERO", de Manoel Caboclo e Silva.

2 – Contra Capa Original – Oração de SANTA CRUZ MILAGROSA".

A louvação mais recente foi a referente a vitória do Senador Marcos Freire, cuja 1a. página do folheto publicamos.

"A mulher que não negava O AMOR DE DEUS", c/capa original.

4 – Não deixe de ler.

Poderíamos nos alongar apreciando as variantes impostas dentro das conceituações desenvolvidas pelos diversos autores, entretanto essa apreciação poderá ser sentida pelo próprio leitor, visto que o poeta popular retratando aspectos da vida de um povo, deixa na sua poesia traços marcantes da sua própria personalidade, num envolvimento constante destes relacionamentos que sociólogos, etnólogos e até mesmo antropólogos vêem procurando estudar sua influência na formação de um povo.

Doralécio Soares

COLABORAÇÕES
DE
GENTE DE FORA

VERBETES AMAZONENSES NÃO DICIONARIZADOS

Besouro, s. m. — Homossexual ativo.
Corta-água, s. m. — Indivíduo de tronco enviezado e que no andar avança sempre um lado do ombro.
Suburucu, s.m/f. — Pessoa de cor escura, não preto, acaboclado de lábios arroxeados, bem caracteristicamente indígena.
Enferrujado, s. m. — Indivíduo branco pintado de sarnas. O mesmo que Sarará.
Surubim, s. m. — Indivíduo branco de cor e cheio de pintas. Alusão ao peixe do mesmo nome.
Pinto, s. m. — Indivíduo que servia de recadeiro e de criado para obter entrada grátis no Teatro Amazonas. Geralmente só servia às artistas. Pouco usado.
Jereba, s. m. — Indivíduo de cor escura que anda gingando. Alusão ao urubu do mesmo nome.
Bunda de mola, s. m/f. — Indivíduo manquitolante.
Pacu de cruzado, s. m. — Indivíduo baixo e gordo.
Suco! ou Soco! — Interjeição de dúvida, de espanto.
Cororó ,adj. — Bravata inútil; fazer muito barulho por nada.
Carionga, s. f. — Mulher de extração humilde, amante de soldado.
Quipapá! — Interjeição de espanto. Pouco usado.
Ao atá ... — Expressão idiomática: sem rumo certo. "Estou indo ao atá ..."
Até curi! — Expressão idiomática. Corresponde ao nosso "até logo".
Vote! ou vute! cobra d'água! — Esconjuro popular.
Dançará, s. m. — Baile de qualquer natureza e categoria, no interior do Estado.
Casqueta, adj. f. — Mulher magra e feia; coisa reles, sem valor; papagaio de papel mal feito.
Trombada, s. m. — Indivíduo afeito ao álcool.
Queixo de velha, s. f. — Moenda de madeira para espremer cana, muito rústica e simples, composta apenas de moirão forte plantado no solo com um orifício a meio pau, onde se introduz forte alavanca; o pau de cana é colocado também no orifício sob a alavanca e quando esta se move para baixo, à força de braço, espreme.
Dama de sala, s. f. — Escarradeira de porcelana muito usada há cinqüenta anos atrás e desaparecida.
Biriba, s. m. — Estrangeiro de fala atrapalhada. Pouco usado.
Caranguejeira, s. f. — Parte sexual da mulher; púbis.
Espera-me no céu — s. m. Designação humorística de doces ou iguarias supostamente indigestas.
Macoromba, s. m. — Indivíduo desajeitado; soldado relaxado.
Maratimba, s. m. — Soldado bisonho; recruta.
Cruera, s.m/f. — Moça ou rapaz de feia aparência, ou superado.

VERBETES AMAZONENSES NÃO DICIONARIZADOS

Colocação, s. f. — Barraca do seringueiro no centro da mata.
Cruzeta, s. f. — Indivíduo magro e ossudo.
Mancuricar, v. — Espionar alguém ou alguma coisa. Principalmente nos exames a prova escrita do colega.
Abicorar, v. — O mesmo que mancuricar.
Festim, s. m. — Homossexual.
Barixu, s. m. — Indivíduo sexualmente impotente.
Mutuca, s. f. — Moça feia e desajeitada que não casa. Alusão à mosca do mesmo nome.
Mosca de fogo, s. f. — Meretriz desbocada.
Tamanduá, s. m. — Mentira; logro.
Aparelho, s. m. — Conjunto de calças e dólmã ou blusa, camisa e botas que recebe o seringueiro.
Celestino, s. m. — Indivíduo de temperamento folgazão, suspeito de berdachismo.
Fubioca, s. f. — Qualquer tipo de festa sem ordem.
Figurinha, s. f. — Modelo em massa de guaraná, miniatura de animais, etc. Artesanato popular originário do município de Maués, Amazonas.
Figureiro, s. m. — Artesão encarregado da modelagem das figurinhas de massa de guaraná.
Carrapeta, s. f. — Criança muito esperta; pião pequenino e mal feito no torno, ou fabricado a mão; papagaio de papel menor que os comuns e que não possui muita autonomia de vôo.

Recolhido por:

Prof. Mário Ypiranga Monteiro

da Universidade Federal do Amazonas

NOTICIÁRIO DAQUI, DALI E DE ACOLÁ

MOVIMENTO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
COORDENAÇÃO ESTADUAL DO
MOBRAL DE SANTA CATARINA
AGÊNCIA CULTURAL

O Município de Maravilha foi sede do III EMOBRESC — (Encontro Estadual do Mobral Cultural).

I — HISTÓRICO DO MUNICÍPIO:

Maravilha, o município do oeste catarinense que sediou o III EMOBRESC, pertencia à área do Velho Chapecó, iniciando a sua colonização na década de 1950, sendo que em 1958 passou à categoria de município, e finalmente em 1968, foi criada a Comarca de Maravilha, abrangendo os municípios de Cunha Porã, Maravilha, Modelo e Pinhalzinho. Atualmente foi criada a Comarca de Pinhalzinho, sendo que Modelo passou a pertencer a essa Comarca.

O Município se localiza no Centro da Microrregião, sendo cortado pelo traçado de duas Rodovias Federais, a BR-282 e a BR-158. Esta distancia-se 900 Km da Capital. A economia baseia-se, principalmente, na agropecuária, na indústria madeireira e na extração de óleo vegetal. A população municipal aproxima-se de 27.000 habitantes, desses 9.253 são eleitores.

II — OBJETIVOS:

— Incentivar o desenvolvimento das atividades culturais no Estado.

— Promover o intercâmbio cultural entre os municípios.

— Dinamizar os Postos Culturais.

— Descobrir valores e incentivar os já existentes.

— Propiciar aos alunos e ex-alunos do MOBRAL meios para uma ascensão cultural através da participação das atividades realizadas dentro da música, literatura, teatro e folclore.

— Preservar e divulgar a cultura catarinense.

— Divulgar o MOBRAL.

III — DESENVOLVIMENTO:

O III EMOBRESC — III ENCONTRO ESTADUAL DO MOBRAL CULTURAL realizou-se na cidade de Maravilha nos dias 7, 8 e 9 de outubro onde contou com a presença de aproximadamente 110 municípios catarinenses, sendo que destes, 64 concorreram nas 15 modalidades apresentadas. Mais de 1300 (mil e trezentas) pessoas compunham as delegações que deslocaram-se das mais diferentes regiões do Estado para permanecerem durante 3 dias na maior festa da integração cultural catarinense.

III° EMOBRESC

Dos municípios presentes, 49 se fizeram representar no desfile de abertura, cada qual empunhando a bandeira do município, faixas e cartazes. A Banda Militar de Chapecó e a Banda Marcial de Criciúma deram toque especial neste desfile realizado dia 7, às 9 horas da manhã, com a presença de autoridades e grande número de pessoas. Os participantes do desfile somaram 2800 pessoas. Logo após a sessão solene de abertura tiveram início as apresentações no Clube Maravilha e no Centro de Tradições Gaúchas (CTG).

Foram apresentados em 60 horas de espetáculo, um total de 197 números dentro das modalidades de declamação, oratória, canto individual e coletivo, instrumental individual e coletivo, teatro, **dança folclórica** e rítmica, balé, poesia, humorismo, trova. Durante o Encontro foi realizado um baile de confraternização entre as delegações, ocasião em que foi escolhida entre as 23 candidatas, a rainha do III EMOBRESC, sendo vencedor o município de Anchieta. As concorrentes à rainha do III EMOBRESC eram alunas e ex-alunas dos programas do MOBRAL. Duas mil e quinhentas pessoas participaram do baile que contou com a presença do Secretário do Oeste representando o Sr. Governador do Estado, representante da Assembléia, Prefeitos de vários municípios, outras autoridades civis e eclesiásticas e autoridades locais.

Dia 9 às 20:00 horas no Clube Recreativo de Maravilha foi feita sessão de encerramento com a presença das autoridades, comissão organizadora do III EMOBRESC, representantes do MOBRAL Central e Coordenação Estadual do MOBRAL de Santa Catarina. Na oportunidade fizeram uso da palavra agradecendo as delegações participantes o presidente do III EMOBRESC, Dr. Osvaldo Renzi e Dr. Eliodoro Franzoi, em nome das comissões municipais e a Agente Cultural do MOBRAL de Santa Catarina, a professora Evanir Dario. Foram entregues aos participantes troféus e medalhas para 1°, 2° e 3° lugares doados pela Secretaria da Educação e Cultura e Prefeitura Municipal de Maravilha e ainda, um certificado de participação a todos os membros das delegações.

Nos 3 dias do Encontro contamos com a presença marcante da Sra. Ligia Maria Morais, representante do Centro Cultural do MOBRAL. Em várias oportunidades fez uso da palavra, valorizando o trabalho que o MOBRAL vem desenvolvendo dentro de Santa Catarina.

Destacamos ainda a presença dos técnicos do CETEP que fizeram toda a documentação do Encontro e do escritor Fernando Sabino.

III° EMOBRESC

Aproximadamente 500 alunos e ex-alunos do MOBRAL se fizeram presentes, sendo que vários destes participaram das apresentações concorrendo nas diversas modalidades.

O IV Encontro Estadual do MOBRAL Cultural terá como sede o município de Campos Novos, escolhido na oportunidade entre os 4 municípios inscritos pela Comissão Central Organizadora, Coordenação Estadual do MOBRAL.

IV — CLASSIFICAÇÃO FINAL:

1) Canto Individual — 1° — Criciúma
2° — Petrolândia
3° — Ituporanga

2) Canto Coletivo — 1° — Campos Novos
2° — Petrolândia
3° — Campo Alegre

3) Execução Instrumental Individual — 1° — Imbuia
2° — Morro da Fumaça
3° — Campo Alegre

4) Execução Instrumental Coletiva — 1° — Brusque
2° — Criciúma
3° — Campos Novos

5) Teatro — 1° — Itajaí
2° — Laguna
3° — Florianópolis

6) Humorismo — 1° — Joaçaba
2° — Videira
3° — São José do Cedro

7) Poesia — 1° — Itajaí
2° — Seara
3° — Anchieta

8) Oratória — 1° — Romelândia
2° — Florianópolis
3° — São José do Cedro

9) Declamação — 1° — Siderópolis
2° — Itajaí
3° — Joaçaba

10) Mímica — 1° — Chapecó
2° — Ituporanga

11) Balé — 1° — Xanxerê
2° — Mondaí

12) Danças Rítmicas — 1° — Siderópolis
2° — Nova Veneza
3° — Chapecó

13) **Danças Folclóricas** — 1° — Salete
2° — Siderópolis
3° — Morro da Fumaça

14) Trova — 1° — Pouso Redondo
2° — Xanxerê

DANÇAS FOLCLÓRICAS

Durante o III Encontro Estadual foi apresentado um número especial de Dança Folclórica, por um grupo de garotas representando o município de Criciúma, com a Dança do Saci, inspirada na lenda do Saci Pererê. Vale destacar a beleza das roupas, pintura das dançarinas, bem como a beleza dos movimentos, que agradou em muito o público presente.

Destacamos ainda dentro da dança folclórica, o Grupo Folclórico de Salete com a apresentação mesclada entre o Bumba-meu-Boi e o Boi-de-Mamão.

Outro grupo folclórico que atraiu bastante a atenção do público, foi o do município de Nova Veneza com a Dança Italiana "La Bela Polenta", onde um grupo de garotas com seus trajes típicos italianos no compasso da música e com leves movimentos, faziam uma demonstração de como é feita a polenta, comida típica italiana.

Evocando Enxu e Orixá, o Grupo Folclórico de Morro da Fumaça fez uma bela apresentação. As dançarinas trajaram vestidos brancos com grandes valores no pescoço e velas ocesas na mão.

CURSO DE FOLCLORE EM FLORIANÓPOLIS

De acordo com a política nacional de cultura e os objetivos da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro de promover o estudo da nossa cultura popular, foi realizado em Florianópolis, um curso de Folclore em que foram focalizados aspectos do Folclore Brasileiro abrangendo as suas diversas áreas.

O Curso foi patrocinado pela Fundação Nacional da Arte — FUNARTE — em convênio com a Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Cataria — UDESC — e a colaboração da Comissão Catarinense de Folclore.

Realizado no período de 4 a 15 de julho de 1977, num Curso Intensivo de 60 horas com a participação de universitários e pessoas interessadas na cultura popular, teve a ministrá-lo professores de procedências de outros estados e de Santa Catarina.

Da Abertura do Curso

A solenidade de abertura contou com a presença do Reitor da UDESC, Dr. João Nicolau Carvalho, que após tecer considerações sobre os objetivos do curso e o trabalho desenvolvido pela FUNARTE no campo da Cultura Nacional, transferiu a palavra ao presidente da Comissão Catarinense de Folclore. Falando em nome da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, disse das realizações da Comissão Nacional de Folclore, que teve em Renato Almeida o seu presidente de 1947 até 1975, empreendendo um substancioso trabalho. Realizou no Rio de Janeiro, em 1949, a Primeira Semana do Folclore e promoveu a criação de subcomissões de folclore na maioria dos estados do Brasil, realizando também em 1951 o Primeiro Congresso Brasileiro de Folclore no Rio de Janeiro, que foi sem dúvida evento de muita importância para os estudos do Folclore no Brosil.

Curitiba, Bahia, Porto Alegre, Fortaleza, Brasília, sediaram novos Congressos, e um Internacional em São Paulo, onde o Brasil teve posição destacada, definindo sua posição internacionalmente na defesa das manifestações da cultura popular.

Em 1958, como órgão do MEC, surgia a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro e um Conselho Técnico, sendo o primeiro Presidente da Campanha, Mozart Araujo, logo substituído por Edson Carneiro, que esteve à frente desse órgão até 1964, quando teve a substitui-lo Renato Almeida. Em 1975, Renato Almeida, o decano do Folclore no Brasil, entrega o cargo ao professor Bráulio do Nascimento, cuja gestão tem sido empreendedora num trabalho dinamizador em todo Brasil, sendo o propugnador da realização de Cursos de Folclore simultâneos em vários Estados sob o patrocínio da FUNARTE.

CURSO DE FOLCLORE EM FLORIANÓPOLIS

Na gestão de Edson Carneiro, o Conselho Técnico da Campanha foi ampliado com a inclusão de folcloristas dos estados, passando a chamar-se Conselho Nacional do Folclore, do qual é membro efetivo Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral, presente a esta solenidade a convite do Magnífico Reitor da UDESC, para proferir a aula inaugural deste curso a quem tenho a honra de passar a palavra.

Discorreu o professor Cabral sobre o trabalho desenvolvido pela Comissão Catarinense de Folclore, a qual esteve sob a sua orientação por vários anos, falando sobre as pesquisas realisadas pelos companheiros integrantes da Comissão Catarinense, atendo-se aos vários aspectos do nosso folclore, e aos aspectos pitorescos que envolvem as manifestações da cultura popular catarinense. Ao concluir, agradeceu a honra do convite do Magnífico Reitor, fazendo a apresentação do professor Dr. Domingos Vieira Filho, Presidente da Fundação Cultural do Estado do Maranhão, a quem coube ministrar as aulas de Teoria do Folclore e Pesquisa do Folclore num total de doze aulas.

Com quarenta e dois alunos inscritos, a afluência do curso foi superior a oitenta por cento, com trinta e oito concluintes.

O curso constou de nove unidades: "Teoria do Folclore, Pesquisa Folclórica, Literatura Oral, Música Folclórica, Danças e Folguedos Folclóricos, Artes e Artesanato Folclóricos, Magia, Tabus, Crendices e Supertições, Cultos Populares e Medicina Popular" MINISTRANTES: Professores Domingos Vieira Filho, do Maranhão; Dulce Martins Lanas, do Rio de Janeiro; Maria de Cascia Nascimento Frade, Rio de Janeiro; Vicente Sales, de Brasília; Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo, de São Paulo; Doralécio Soares e Walter Piazza de Florianópolis.

APROVAÇÃO

Para aprovação foram obedecidos os critérios de freqüência e aproveitamento, com prova final de avaliação numa freqüência mínima de oitenta por cento de 60 horas/aula. E para a concessão do certificado foi exigido a nota mínima de 54 pontos, ou seja, 60% do total de 90 pontos.

O curso atingiu a expectativa prevista, cuja prova de avaliação teve um percentual superior ao mínimo estabelecido, ficando a mínima em 69 pontos e a máxima em 89, cotando a maioria na casa dos 80 pontos.

Convém destacar o farto material distribuído pela Campanha, constante de apostilas, cadernos de folclore, livros, revistas e discos compactos de músicas folclóricas.

O encerramento em sessão solene, contou com a presença do

CURSO DE FOLCLORE EM FLORIANÓPOLIS

Professor Bráulio Nascimento, que após a abertura da sessão, proferiu palavras de incentivo aos concluintes do curso, agradecendo a colaboração da UDESC, que com uma perfeita coordenação, foi também responsável pelo grande aproveitamento dos concluintes, cujo nível de conhecimentos contribuiu para o perfeito êxito do curso.

Após as suas palavras a aluna professora, Dolma Magnani de Oliveira, falou em nome da turma, numa oração comovente, que abaixo transcrevemos.

Chegamos ao fim deste Curso de Folclore promovido pela Fundação Nacional da Arte, através da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, tendo alcançado em toda a plenitude os objetivos da Política Nacional de Cultura, em tão boa hora encetada, motivando-nos sobremaneira para as diferenciadas especializações.

Agradeço em nome de todos os colegas a proficiência com que os Professores se houveram neste curso, a lhaneza do tratamento e o carinho que nos dispensaram, e sobretudo, o elevado conteúdo dos temas que procuraram sempre transferir com louvável rendimento, possibilitado pelas modernas técnicas de comunicação adotadas.

A todos oferecemos o penhor da nossa gratidão.

Também um agradecimento muito especial ao Magnífico Reitor da Universidade para o Desenvolvimento do Estado, o Professor João Nicolau Carvalho, e à Comissão Catarinense do Folclore aqui representada pelo Professor Doralécio Soares, pelos expedientes adotados para possibilitar este Curso que nos deu oportunidades para conhecimento de novas culturas, relacionamento com estudiosos do Folclore Brasileiro e suas áreas de abrangência, o conhecimento das técnicas utilizadas pelas Universidades do Brasil, em especial pela Universidade de São Paulo e principalmente sobre a utilização e valorização do folclore brasileiro na educação como motivo de iniciação dos sentimentos patrióticos, valorizado pelo conhecimento das diferenciadas regiões brasileiras.

Este curso intensivo, no seu amplo contexto, nos qualificou para entender e estudar novas facetas do folclore regional e principalmente entendê-lo melhor como fato cultural, sobretudo no que concerne à capacidade de receber influências, pois ele é dinâmico dentro da própria evolução social, atingindo em seu bojo a sociedade em suas diversas manifestações ou novas criações folclóricas.

Serviu para nos sensibilizar, quanto a preservação dos nossos valores, a conservação daquilo que é autenticamente nosso, regionalmente característico, de modo a evitar que sejam perturbados em sua originalidade, sem entretanto nos fecharmos aos contactos externos.

A nossa Universidade para o Desenvolvimento aceitou a responsabilidade como de ensino formativo e informativo que possibilitará novas realizações entre nós, nas artes e nas manifestações da cultura popular, para vivificar a nossa cultura regional, com a colaboração de todos quantos conosco conviveram nesta pequena mas marcante jornada.

Finalmente agradeço ao Criador, o privilégio da convivência fraterna desses momentos fugazes neste certame cultural, esperando que novas oportunidades surjam para trocar conhecimentos e experiências, deflagradas por esta importante iniciativa propiciada por autoridades que compreendem o valor da nossa cultura popular.

Muito sensibilizada fiquei pela honra de vos representar nesta solenidade de encerramento. Até muito breve.

Dolma Magnani de Oliveira

Os certificados expedidos pela FUNARTE tiveram a assinatura do Diretor Geral do DAC/MEC prof. Manoel Diegues Júnior; Bráulio Nascimento, Diretor da Campanha; do Magnífico Reitor da UDESC; do Coordenador do Curso, professor Renato Machado e do Presidente da Comissão Catarinense de Folclore.

PANORAMA DA ARTE CATARINENSE

ARTE POPULAR

São inúmeros os artesãos em Santa Catarina que se destacam como artistas populares na arte de esculpir a madeira, cujas peças são procuradas por colecionadores dos grandes centros, figurando ainda em Templos e Palácios. Desses, o de maior destaque é o Cristo da Igreja de Dom Bosco em Brasília, obra do escultor Godofredo Thaler, de Treze Tílias.

No município de Pomerode temos o veterano escultor Ervim Theichmann, cuja obra é destaque nacional e internacional, através de valiosas peças em mãos de colecionadores. A residência desse artesão em Pomerode é uma atração artística.

Destacamos ainda, Max Hartmann, escultor em madeira com peças em alto e baixo relevo, consideradas obras de grande valor artístico. Mario Avancini, em mármore; Paulo Siqueira, com suas peças de soldagem com apetrechos de ferro recolhidos de sucatas, destacando-se os seus trabalhos "Homem e sua Armadura" (Moto) e o "Músico". Alfi Vieira, executor de pequenas caixas de bronze, artesanato de primorosas peças, destacando-se os jogos de xadrez. Alberto Luz, em colagem — Mulher Floreira, Dorso Azul e Busto de Menina. I. Kindemann, com suas esculturas de cimento e mármore. Suely Beduschi, artesã com máscaras de ferro, montagem com folhas de flandre e esculturas em madeira em baixo relevo. Helena Montenegro, com cerâmica, concreto, montagem de figuras de arame e concreto. Áurea Vieira, escultura em terracota. Edith Poerner, ceramista de criação artística e máscaras em poliester.

Edla Piau, com escultura em madeira. Aderbal Humphreys, com entalhes em madeira, e as ceramistas, com valiosos trabalhos de cerâmica e arte popular que constituem verdadeiras obras de arte: Áurea B. Vieira, Eltriede Eilhert, Lenir Cunha, Ivone Schultz, Ilse Schosslhnd, Maria Deking, Marlene Garcia, Elfride Eilhert, Freia Gross, Dasmar Parucher, Helena Loyola, Ruth Koelher, Flávia Figueiredo, Dora Ribeiro. Todos esses artistas e artesãos marcaram as suas presenças no "Panorama da Arte Catarinense", promoção da CITUR, no Pavilhão de Exposições em Balneário Camboriú, Dezembro de 1977/Janeiro 78.

A DIRETORIA DE TURISMO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS E O FOLCLORE

Dentre as atividades desenvolvidas pela Diretur, o incentivo ao folclore tem ocupado lugar de grande destaque.

Não há um só grupo folclórico de Florianópolis que não tenha se apresentado sob os auspícios do órgão de turismo da municipalidade.

Alguns, inclusive, tem se apresentado quase que semanalmente, como é o caso da Sociedade Folclórica Boi-de-Mamão do Itacorubi.

As danças folclóricas da Ilha de Santa Catarina foram apresentadas por iniciativa da Diretur para turistas e visitantes de todas as partes do Brasil, e também estrangeiros.

A ação do órgão municipal de turismo da capital na área do folclore, se insere dentro do programa traçado pelo Prefeito Espiridião Amin Helou Filho com vistas à valorização, preservação e divulgação dos costumes e tradições de Florianópolis, e que tem trazido grandes benefícios para a manutenção dos costumes populares mais autênticos do município.

Sob essa diretriz, foram e tem sido realizadas freqüentes apresentações de danças folclóricas, exposições e outras atividades, inclusive, durante a Festa da Mandioca, realizada no Distrito de Campeche, foi montado um engenho de farinha de mandioca, movido a tração bovina, para demonstração.

Através da Diretur, a Sociedade Folclórica Boi-de-Mamão do Itacorubi apresentou-se em Foz do Iguaçu no Paraná, Santo Ângelo no Rio Grande do Sul, Laguna e Palhoça em Santa Catarina.

Esta mesma Sociedade figurou em documentários para cinema e televisão, rodados pela Agência Nacional e pela Televisão Educativa de São Paulo, seguindo roteiros elaborados pela Diretur.

Além dessa Sociedade, o Boi-de-Mamão Unidos da Rua São Cristóvão, o Boi do Alan, o Boi-de-Pano das Aranhas, a Sociedade Folclórica do Ribeirão da Ilha e o Cacumbi "Capitão" Amaro, tem se apresentado regularmente sob os auspícios da municipalidade.

Assim ocorre em congressos, feiras e convenções realizados em Florianópolis, na inauguração de praças e vias públicas, nas festas populares promovidas pela Diretur, tais como a Festa da Tainha, da Mandioca, do Café, do Pescador, etc.

Com o objetivo específico de fomentar o surgimento de novos grupos folclóricos, a Diretur tem realizado anualmente um Con-

A DIRETORIA DE TURISMO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS E O FOLCLORE

curso de Boi-de-Mamão, o qual tem alcançado grande sucesso tanto entre os grupos existentes como em pessoas interessadas em formar novos grupos. Como resultado, tem surgido novas sociedades folclóricas, algumas de efêmera duração, outras mais estáveis.

Uma das melhores realizações da Diretur na área do folclóre, foi a exposição denominada. "Com Quantos Paus se Faz uma Canoa", montada no calçadão da Rua Felipe Schmidt, em outubro de 1977.

Na área central de Florianópolis, por onde circulam milhares de pessoas diariamente, foi inteiramente construída uma canoa, a partir de um tronco de garapuvu, árvore nativa da Ilha. O tronco bruto foi colocado no calçadão, e um artesão sozinho, com o auxílio de ferramentas rudimentares, em pouco mais de uma semana transformou-o numa canoa. Paralelamente, diversos outros artistas e artesãos foram instalados em ranchos de palha, especialmente montados no local, e mostraram a arte do homem do interior da Ilha. Um oleiro, com seu torno de roda, criou vasos, moringas, potes, alguidares, etc. Uma senhora do distrito de Ingleses, teceu mantas com um tear de mais de 200 anos de existência, ao mesmo tempo em que outros artesãos faziam esteiras, gaiolas, tarrafas, rendas e peças de engenho da mandioca. Durante uma semana, o florianopolitano e os turistas puderam apreciar aos vivo a arte popular da Ilha de Santa Catarina. A exposição alcançou tanto sucesso, que na próxima temporada de veraneio será repetida.

Estas e outras atividades desenvolvidas pela Diretur, procuram divulgar os aspectos mais característicos de Florianópolis, ao mesmo tempo em que se constituem em fatores de preservação das tradições locais, uma das grandes preocupações da Prefeitura Municipal da Capital catarinense.

III° FESTIVAL CATARINENSE DE FOLCLORE

Cumprindo o constante do Calendário Cultural do Estado, a Prefeitura Municipal de Joinville fará realizar nos dias 25, 26 e 27 de agosto o III Festival Catarinense de Folclore.

É uma das grandiosas promoções culturais do Estado, visto que contará com a participação de mais de trinta grupos folclóricos, provindos de vários municípios, além da Feira de Arte e Artesanato, e Comidas Típicas Regionais Catarinenses, localizadas nas Rua das Palmeiras, Rua do Recreio, Rua 3 de maio e Rua Rio Branco, conforme o programa expedido pela Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo do Município.

Programa:

Dia 25-08-78

20h 30min — Abertura Oficial do III Festival Catarinense de Folclore:

a) Alocução do Sr. Prefeito, Luiz Henrique da Silveira

b) Homenagem à Imigração Japonesa no Brasil com a apresentação do Grupo Folclórico Japonês de Maringá — PR.

c) Abertura de exposição: — esculturas lúdicas e motivos folclóricos do Professor Franklin Cascaes;

— de artesanato Ucraniano;

— material folclórico, aos cuidados da Campanha Brasileira de Defesa ao Folclore.

e) Lançamento do livro "Folclore Catarinense" do Professor Doralécio Soares.

Local: Museu Nacional de Imigração e Colonização.

Dia 26-08-78

09h — Desfile de Abertura: — Banda do 62° B.I.;
— Grupos Folclóricos;
— Clubes de Atiradores e Bolão;
— Fanfarra da Escola Básica João Colin;
— Entidades Beneficentes participantes;
— Representação da Rua do Recreio;
— Desfile das Bandeiras dos Municípios integrantes do III Festival Catarinense de Folclore.

Local: Rua do Príncipe.

III° FESTIVAL CATARINENSE DE FOLCLORE

09h 30min — Início das Atividades: — Feira de Arte e Artesanato
Local: Rua das Palmeiras.
— Rua do Recreio
Local: Rua 3 de Maio.
— Barracas de Comidas Típicas Regionais Catarinenses
Local: Rua Rio Branco.
10h — Grupo Folclórico Germânico "Silberfluss" Juvenil Joinville — A*.
10h 30min — Lançamento do livro "Chá das Duas" de Carlos Eduardo Novais.
Local: Feira de Arte e Artesanato.
10h 30min. — CTG. "Porteira Aberta" — São Miguel do Oeste — B*
11h — Grupo Folclórico Germânico "Böhmerwald" — São Bento do Sul — A*
11h 30min — Grupo Folclórico "Boi-de-Mamão" — Canelinha — B*
12h — Grupo Folclórico CTG. "Chaparral" — Joinville — A*
14h — Grupo Pascoaline Faraco — Joinville — A*
14h 30min — CTG. "Barbicacho Colorado" — Lages — B*
15h — Apresentação do Teatro de Fantoches "Gralha Azul" — Lages
Local: Feira de Arte e Artesanato.
15h — Grupo Folclórico "Veneziano" — Nova Veneza — A*
15h 30min — Grupo Folclórico "Dança do Vilão" — São Francisco do Sul — B*
16h — "Grupo Saci" — Criciúma — A*
16h 30min — CTG. "Fronteira da Amizade" — Porto União — B*
17h — Grupo Folclórico de Fandango "Tangarás" — Joinville — A*
17h 30min — "Trovador" — Pouso Redondo — B*
18h — Grupo Folclórico "Gigante da Colina" — Rio Negrinho — A*
18h 30min — Grupo Cultural "Integração" — Concórdia — B*
19h — Grupo Folclórico "Estrela" — A*
19h 30min — Invernada Artística do CTG. "Os Vaqueanos" — Papanduva — B*
20h — Grupo Folclórico "Surinam" — Joinville — A*

Dia 27-08-78

09h — Reinício das Atividades: — Feira de Arte e Artesanato
Local: Rua das Palmeiras.
— Rua do Recreio
Local: Rua 3 de Maio.

III° FESTIVAL CATARINENSE DE FOLCLORE

— Barracas de Comidas Típicas Regionais Catarinense Local: Rua Rio Branco.

10h — CTG. "Rodeio da Tradição" — Guaraciaba — A*

10h 30min — Grupo Folclórico "Armazém" — Siderópolis — B*

11h — Grupo Folclórico de Piçarras — Piçarras — A*

11h 30min — CTG. Mirim "Flor Gaúcha" — São José do Cedro — B*

14h — Soc. Folclórica "Boi-de-Mamão Unidos de Coqueiros". — Florianópolis — A*

14h 30min — Alpino Germânico — Blumenau — B*

15h — "Jogo de Mora" — Urussanga — A*

15h 30min — Grupo Folclórico de Treze Tílias — Treze Tílias — B*

16h — Os Pontealtenses — Ponte Alta — A*

16h 30min — Grupo Folclórico de Laguna — Laguna — B*

17h — Soc. Folclórica Cacumbi "Capitão" Francisco Amaro Florianópolis — A*

17h 30min — Grupo Folclórico "Silberflutss' — Joinville — B*

18h — Encerramento do III Festival Catarinense de Folclore, com a apresentação do Grupo Folclórico Ucraniano — Curitiba — A*

* Tablado.

V FESTA BRASILEIRA DE FOLCLORE

Patrocinado pelo Ministério da Educação e Cultura, através do Departamento de Assuntos Culturais, Fundação Nacional da Arte — FUNARTE — Comissão Nacional de Folclore, Governo do Estado de Alagoas, Universidade Federal de Alagoas, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Comissão Alagoana de Folclore, Prefeitura Municipal de Maceió, SESC, SENAC, além de outras entidades culturais, realizou-se de 19 a 25 de agosto de .... 1977, a V Festa Brasileira de Folclore em Maceió, capital do Estado de Alagoas.

Do programa constou: solenidade de abertura da V Festa na Reitoria da UFAL, inauguração do Museu Théo Brandão, lançamento do selo comemorativo do Dia do Folclore, abertura da Feira de Artesanato no Ginásio do SESC, desfile de grupos folclóricos dos Estados no estádio Trapichão, missa do violeiro (homenagem da Arquidiocese aos participantes da festa) apresentação de Cavalhada na Praça 13 de Maio, desfile de grupos folclóricos de Alagoas na Av. Dr. Antônio Gouveia e apresentação de grupos folclóricos em vários pontos da cidade.

Do ciclo de palestras constou: seminário sobre grupos folclóricos — 1º Painel: conceituação dos grupos folclóricos no auditório da Reitoria da UFAL sob a presidência do Professor Manoel Diegues Junior, com exposição do tema pela Professora Maria de Lourdes Borges Ribeiro, tendo como debatedores os folcloristas Théo Brandão, Domingos Vieira Filho, Hermogenes Lima da Fonseca, Vicente Sales, Maria Brigido, Roselys Veloso e Thereza Braga. 2º painel: preservação e promoção de grupos folclóricos que foi exposto pela Professora Maria de Cáscia Nascimento Frade, sendo debatedores Verissimo de Melo, Luiz Antonio Barreto, Regina Lacerda, Doralécio Soares, Laura Dela Monica, Deifelo Gurgel e José Maria Tenório.

Do ciclo de palestras participaram: Professor Mário Ypiranga Monteiro, da UFMA; Professor José Calazans, de Salvador; Professor Florival Serraine, de Fortaleza; Professora Maria Tereza Camargo, de São Paulo; Raul Giovani Lody, do Rio de Janeiro; Dante Laytano, do Rio Grande do Sul; cujos temas foram desenvolvidos com a assistência de elevado número de estudantes.

Foram exibidos vários filmes documentários, inclusive "Rendas e Rendeiras" de Santa Catarina, e um documentário colorido sobre o folclore catarinense, apresentando vários grupos de Boi-de-Mamão, dança do Cacumbi, Grupo Folclórico "Alpino Germânico" de Blumenau e procissão de Nossa Senhora dos Navegantes, entre Navegantes e Itajaí.

FESTA BRASILEIRA DE FOLCLORE

A programação da V Festa Brasileira de Folclore foi extensa. Além da programação acima exposta, constou: coquetel CESMAC para mais de 200 pessoas, no Núcleo de Tradições Populares José Aloísio Vilela, visita ao Artesanato do Pontal da Barra, Feira de Artesanato no SESC, excursão patrocinada pela EMATUR , a Marechal Deodoro (primeira capital de Alagoas), lançamento do livro "Dinâmica de uma Linguagem — O Falar de Alagoas" de Paulino Santiago e noite regional no Clube Motonáutica, com comida e bebidas típicas.

GRUPOS FOLCLÓRICOS PARTICIPANTES DE OUTROS ESTADOS

Rio de Janeiro: Capoeiras, Folia de Reis, Afoxé, Mineiro-pau; Espírito Santo: Ticumbi; Paraíba: Nau Catarineta;

Maranhão: Bumba-meu-Boi. Pernambuco: Caboclinhos, Maracatu;

Sergipe: São Gonçalo, Bacamarteiros, Cangaceiros.

GRUPOS FOLCLÓRICOS DE ALAGOAS

Bumba-meu-Boi, de Maragogi. Reisado, de Viçosa Palmeiras dos Índios.

Taineiras, de São Miguel dos Campos. Pastoril, de Marechal Deodoro.

Baianas, de Ipiocas. Fandango, Cavalhada, de Maceió. Negra da Costa, Toré de Xangô, de Quebrangulho.

Quilombo, de Limoeiro de Anádia. Cambinadas, de Porto Calvo.

Caboclinhos, de São Miguel dos Milagres. Baianas e Cambinadas, de Porto de Pedras. Samba de Matuto, de Praia de Camaragibe.

Fandago e São Gonçalo, de Pontal da Barra. Mané do Rosário, de Coruripe.

Guerreiro, de Capela. Coco, de Pão de Açúcar.

São Gonçalo, de Água Branca.

CURSO DE FOLCLORE EM RECIFE

Patrocinado pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro do Departamento de Assuntos Culturais do MEC e Fundo Nacional de Arte — FUNARTE — realizou-se em Recife — PE, no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, um Curso de Folclore que se estendeu de 04 a 30 de julho de 1977.

A carga horária foi de 120 horas de aulas teóricas e 60 horas de pesquisa de campo. As unidades de estudo tratadas no decorrer do curso foram do interesse de todos, sendo assim distribuídas:

— **Teoria do Folclore e Cultos Populares**
Professor: Valdemar Valente — 42 aulas

— **Música — Danças Folclóricas e Folguedos Populares**
Professora: Maria de Lourdes B. Ribeiro — 18 aulas

— **Arte e Artesanatos Folclóricos**
Professor: Renato Pacheco — 12 aulas

— **Literatura Oral e Literatura de Cordel**
Professor: Mario Souto Maior — 24 aulas

— **Magia — Tabus — Crendices e Superticões**
Professor: Raul Giovanni da Motta Lody — 12 aulas

— **Medicina Popular**
Professora: Maria Thereza L. Arruda Camargo — 12 aulas

Dr. Braulio Nascimento, presente na abertura e encerramento do Curso, acompanhou o mesmo, dando suas instruções através dos meios de comunicação.

A aproximação e amizade reinante entre os cursistas e professores fez-se sentir a cada momento em que convivemos com aquela gente boa de Pernambuco.

Alguns professores, outros universitários, ali se encontravam representando os seguintes estados e territórios: Acre, Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Sergipe e Santa Catarina.

Para mim, ex-aluna da Escola de Folclore anexa ao Museu de Artes Populares — Ibirapuera — São Paulo, atualmente professora de Folclore no Curso de Educação Artística da Faculdade de Educação de Florianópolis, SC (UDESC), foi uma experiência muito válida e atual, principalmente no tocante às visitas ao Alto do Moura — casa onde residiu o Mestre Vitalino —, à feira de Caruaru, ao Mercado São José e Casa da Cultura de Recife — locais onde encontrei muito de Folclore autêntico.

Assistimos também, acompanhadas pelo professor Valdemar Valente, a uma cerimônia de Candomblé, rica em beleza, em expressão, em primitividade e mesmo emocionante, pois tratava-se de saída de camarinha (Peji) de dois filhos de santo, que com suas

vestes brancas, foram conduzidos pelos Babalorixá e Yalorixá à sala, onde todos os aguardavam para revelação dos santos que neles se manifestaram. Houve em seguida, a cerimônia da entrega das insígnias e fetiches próprios das entidades reveladas.

Recebemos um farto material impresso, assistimos a vários filmes, slides e audição de discos documentários. Para complementação, no dia do encerramento, assistimos à apresentação do "Maracatu" e dos "Caboclinhos" da cidade de Recife.

Neste ensejo, agradeço aos professores do Curso, aos colegas e ao Magnífico Reitor, Professor João Nicolau Carvalho, da UDESC, que me proporcionou a oportunidade de participar desta atualização. Florianópolis, 10 de março de 1978

Professora Maria do Carmo Pinto

FUNARTE PERPETUA FOLCLORE EM DISCO

A Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, com o patrocínio da FUNARTE, acaba de lançar mais 5 discos compactos da série Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro — "Congos da Paraíba", "Reisado do Piauí", "Mineiro-pau", "Baianos" e "Fandango de Alagoas" — e três novos Cadernos de Folclore, versando sobre A Folia de Reis de Mossâmedes, o Jogo das Bolinhas e Congos da Paraíba.

Essas novas edições já estão à venda na Loja da FUNARTE — no prédio do Museu Nacional de Belas Artes, com entrada pela Rua México, no Rio — e em breve chegarão aos demais estados através dos postos da FENAME — Fundação Nacional do Material Escolar.

V FESTA BRASILEIRA DE FOLCLORE

Durante o evento foi entregue o prêmio do concurso de monografias Silvio Romero — instituído pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, no valor de Cr$ 50 mil — ao padre Guilherme Porto, de Caxambu, autor do trabalho vencedor, "As Folias de Reis no Sul de Minas". As menções honrosas ficaram para Maria da Salete Mendonça Souza, de Maceió (com "A Malhação de Judas") e Kay Shaffer, de Aracaju (com "O Berimbau-de-barriga e seus toques").

No outro concurso instituído pela Campanha, o Marechal Rondon, destinado a estudantes do 1º grau, foram concedidas menções honrosas a Jamil Pedroso Nassif, de São Paulo, Deuseni Luiza Depolo, do Espírito Santo, além de um voto de louvor a Maria de Fátima Ovelar Echague, de Mato Grosso. Não foi apontado um vencedor por decisão da Comissão Julgadora, "tendo em vista que os concorrentes, embora versassem sobre temas da cultura indígena, deixaram de enfatizar a contribuição desta cultura relativamente a outras origens" — conforme estabelecia o regulamento.

SANTA CATARINA PRESENTE NO PROJETO CULTURA DO RIO GRANDE DO SUL

Santa Catarina presente no "Projeto Cultur 77" do Rio Grande do Sul, com o seu folclore.

As Secretarias de Turismo e Educação e Cultura com a colaboração da FUNARTE/MEC e TV gaúcha, iniciaram em Santo Ângelo em 28/9/77 o "PROJETO CULTUR 77" com a área de Folclore. A continuidade do programa abrangeu Teatro em Santa Maria, Literatura em Porto Alegre e Música em Caxias do Sul.

Especialmente convidado, o presidente da Comissão Catarinense de Folclore, Doralécio Soares, proferiu conferência sobre o Folclore Catarinense no auditório da Escola Teresa Verzeri.

A Sociedade Folclórica Boi-de-Mamão de Itacorubi, Florianópolis, participou da promoção com destacadas apresentações.

Entre os conferencistas estiveram presentes renomados mestres da nossa cultura de tradição, durante a semana de início do Projeto Cultur.

O principal objetivo do projeto foi "destacar a cultura gaúcha, suas origens e situação atual, localizando-a dentro do contexto cultural brasileiro e sul-americano". O Projeto Cultur, movimentou o Rio Grande do Sul de 28 de setembro a 15 de novembro. O Folclore, o Teatro, a Literatura e a Música, tiveram seus conferencistas, debatedores e apresentações artísticas.

A professora Zilda Mendes Mereira Rangel, dissertou sobre "A Importância do Folclore no Desenvolvimento do Turismo". O Professor Dante de Laytano disse "O Índio no Legado do Folclore luso-brasileiro no Rio Grande do Sul." O professor Mário Ypiranga Monteiro, abordando o tema "Danças Folclóricas do Amazonas", tendo o professor Mozart Pereira Soares falado das "Missões Jesuíticas: Milagre e Aculturação. O professor Napoelão Figueredo disse das "Religiões Mediúnicas do Amazonas: O Batuque e a Pajelança". "A Vigência do gaúcho na Banda Oriental: o gaúcho já morreu?" Foi o

tema desenvolvido pelo professor uruguaio Augusto Montesdeoca Galagorri. Doralécio Soares, sobre o Folclore Catarinense. As atrações artísticas contaram com a participação dos Grupos "Os Gaúchos, as Cambarás, Os Angüeras, Cantores dos Sete Povos, Balé Bradsen da Argentina, Coral de Câmara do Rio Grande do Sul, do Quinteto de Sopros de Porto Alegre, do soprano Lory Keller e o espetáculo folclórico catarinense mostrando o Boi-de-Mamão.

Assim se manifestou a imprensa gaúcha sobre a participação de Santa Catarina. "Um painel sobre as tradições catarinenses" — foi a conferência do professor Doralécio Soares, ontem de manhã sobre

o folclore catarinense, das mais completas e minuciosas realizadas até agora. Através de projeções e filmes, Doralécio fez um painel completo sobre Santa Catarina e suas tradições que são ricas e variadas de acordo com as culturas étnicas que formam a população".

"Já em frente às ruínas das Missões o grupo catarinense de Boi-de-Mamão repetiu o show que foi apresentado no sábado, no ginásio Marista: são mais de 20 pessoas entre adultos e crianças, que cantam, dançam e demonstram a brincadeira do Boi que veio de Florianópolis, trazido pelo conferencista Doralécio Soares. O espetáculo que guarda a pureza e o primitivismo de suas raízes folclóricas, foi o mais pitoresco de todos, pelo clima de bom humor e descontração do folguedo, que divertia adultos e até assustava as crianças, impressionadas com os rodopios do boi, da maricota, figura de mulher gigante e sua filha a maricotinha, da bernúncia (o bicho papão), com o nascimento pitoresco da Bernuncinha, que fez com quê a grande assistência, que fazia roda em torno da apresentação, aplaudisse freneticamente. O cavalinho e seu ginete laçando o boi, o urubu, o cachorro, o macaco e o urso são partes das figuras que acompanham a brincadeira".

Diz ainda: "A pureza e o primitivismo do ritual são o grande destaque do espetáculo que se mantém fiel às suas origens".

Outras considerações foram emitidas pela imprensa gaúcha sobre a participação catarinense na louvável iniciativa das Secretarias de Turismo e Educação e Cultura, num projeto cujo êxito fez projetar cada vez mais culturalmente o Estado do Rio Grande do Sul.

IOESC
8365

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

Nomes	Endereços — Florianópolis, S. C.
Doralécio Soares (Presidente)	Rua Julio Moura, 28, 1º andar
Jaldyr Faustino da Silva	Av. Trompowsky, 5
Theobaldo Costa Jamundá	Rua Bocaiuva, 208
João dos Santos Areão	D. Jaime Câmara, 11
Walter Fernando Piazza	Frei Evaristo, 52
José Cordeiro	Antônio Carlos Ferreira, 98
Nereu Corrêa	Av. Othon Gama D'eça, 127
Osvaldo Ferreira de Melo (filho)	R. Joaquim Costa, 11
Vitor Antonio Peluso Júnior	R. Melo Alvim, 10
Maria do Carmo Leite	Faculdade de Educação
Carlos Alberto Angioletti Vieira	R. Prof. Otilia Cruz 365, Estreito
Nanci Terezinha S. Barreto	R. Tavares Sobrinho, 34
Cléa Mendes Brito	R. Melo Alvim, 9
Nanci Terezinha Batistoti	R. José do Vale Pereira, 40 — Coqueiros
Nereu do Vale Pereira	Jardim Olavo Amorim, 24
Roberto Kel	R. Cruz e Souza
Silvio Coelho dos Santos	R. Idalina P. dos Santos, 9
Iaponan Soares Araujo	Rua Osvaldo Cruz, 40 — Estreito
A. Seixas Netto	R. Osvaldo Cruz, 477 — Estreito
Franklin Cascaes	R. Julio Moura, 31
Teófilo Matos	São Joaquim
Rubem Ulisséa	Laguna
Maria Juscelina Couto	Navegantes
Ayres Gevaerd	Brusque
Alcides Bus	Joinville
COLABORADORES	
Otávio Silveira	Santa Catarina
Carlos Humberto Corrêa	Santa Catarina
Dulce Martins Lamas	Rio de Janeiro
Laura Dela Monica	São Paulo
Saul Martins	Minas Gerais
Atico Vilas Boas	Goiás

SANTUR Santa Catarina Turismo S.A.
Órgão Oficial de Turismo

Rua Felipe Schmidt, 249 - 9º andar - Fone (0482) PABX 24-6300
Informações Turísticas - Fone: 1516
Cx. P. 1221 — Telex 481.005 TUSC-BR — Fax(0482)22-1145
CEP 88010-902 — Florianópolis - Santa Catarina - Brasil